

L
I
T
O
R
A
L

FLORIANÓPOLIS — S. C.

LITORAL

n. II | FLORIANÓPOLIS (SANTA CATARINA) | ano I

Direção:

PASCHOAL APÓSTOLO e NICOLAU APÓSTOLO

Redatores Especiais:

OTHON D'EÇA, RENATO BARBOSA e MANOELITO DE ORNELLAS

Redatores Literários:

C. RONALD SCHMIDT, TALIARBAS S. MARTINS COSTA, AUGUSTO SYLVIO, ARNALDO BRANDÃO, MAURA DE SENNA PEREIRA e ADOLPHO B. SCHNEIDER

Colaboram neste número:

ALVIM BARBOSA, GRACIETTE SALMON, ANTÔNIO AUGUSTO N. FONTES, FERNANDO SOUTO MAIOR, OSMAR SILVA, ITALINO PERUFFO, JOSÉ DE DINIZ, GUSTAVO NEVES, DI SOARES, PEDRO DE GARCIA, FRANCISCO JOSÉ PEREIRA, P. FERNANDO LAGO, WALTER PIAZZA, SILVEIRA DE SOUZA, LAUSIMAR LAUS, ALDO NUNES, PEDRO BOSCO, MARTINHO DE HARO, RODRIGO DE HARO, H. ASSIS, MEYER FILHO, TÉRCIO DA GAMA, PEDRO PAULO VICHETTI, JAIR F. HAMES, WILLY ZUNBLICK, HUGO MUND JÚNIOR, FONTOURA REY, ACARY MARGARIDA, NILO DIAS, CÉSAR SEARA, FLÁVIO CARDOSO, JOSÉ CORDEIRO, EVANGELINA M. CAVALCANTI, DESPINA N. SPYRIDES

L I T O R A L

revista
literária
e
artística
dos
novos
de
SANTA
CATARINA

edições
trimestrais

capa

H. ASSIS CORRÊA

fotografias

WALDIR FAUSTO GIL

Rua Padre Roma, 48

Florianópolis
S. Catarina

JANEIRO 1959

REVISTA LITORAL

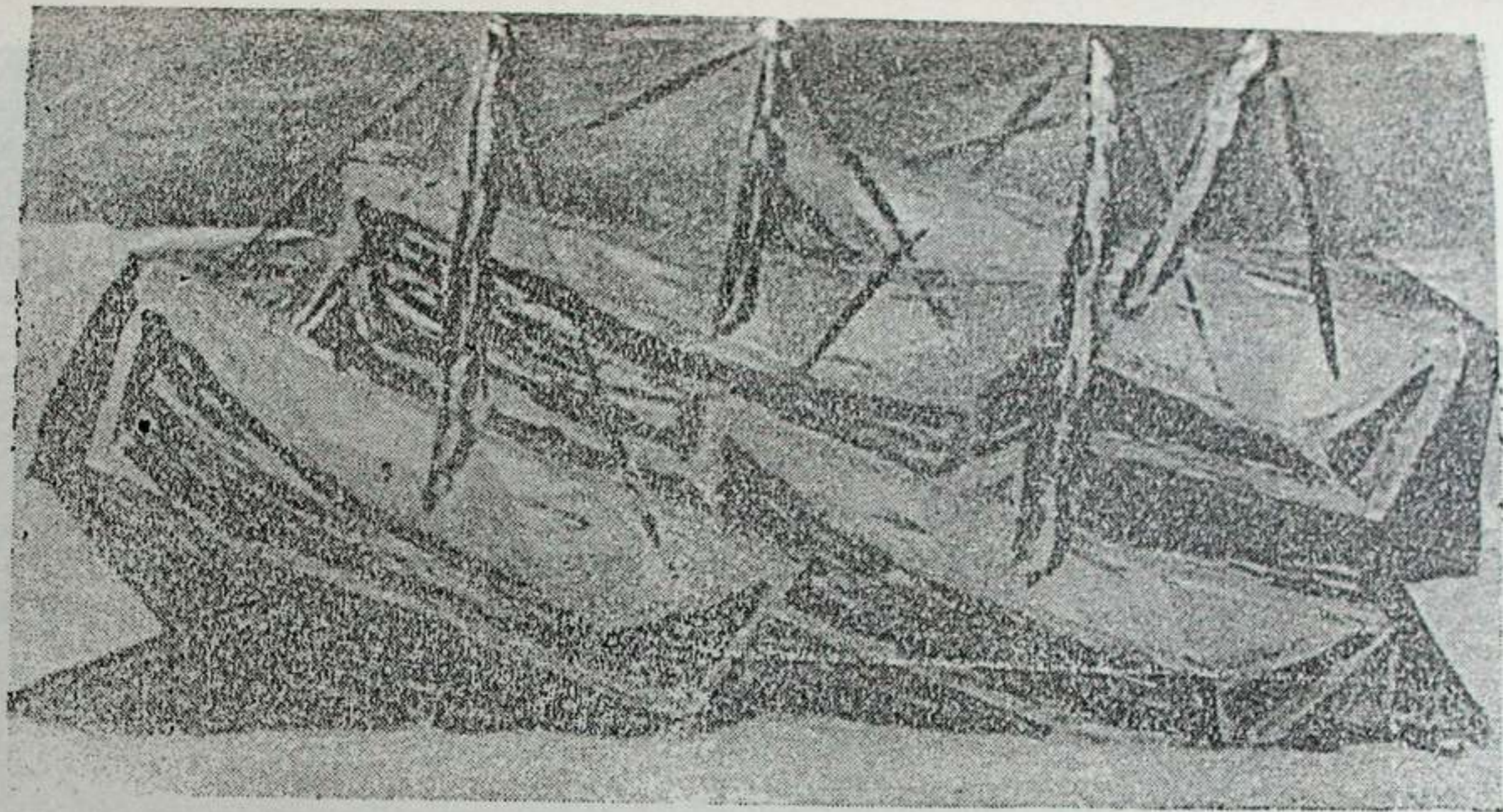
FLORIANÓPOLIS (JANEIRO — 1959) SANTA CATARINA

NÚMERO DOIS

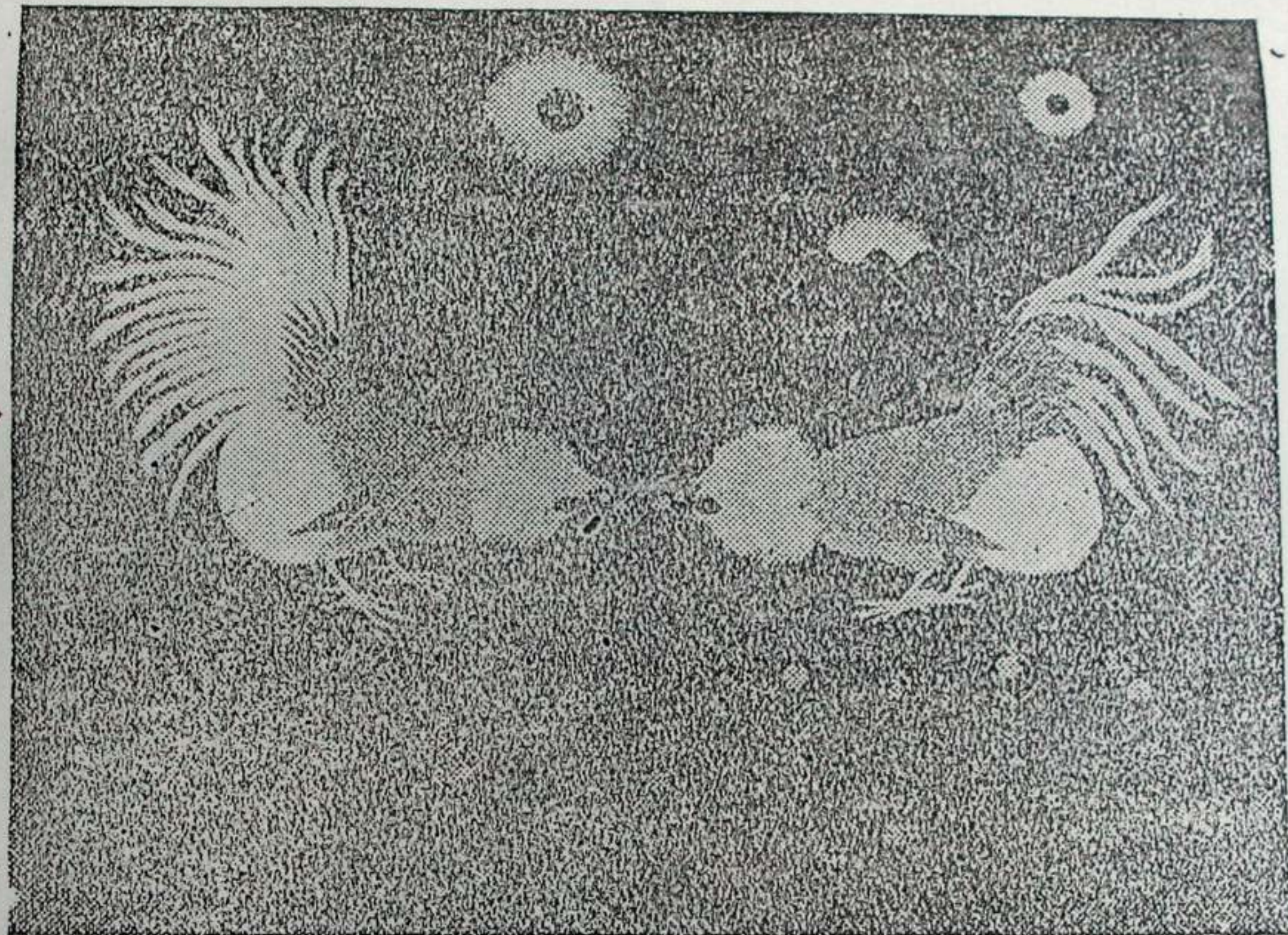


"VENTO SUL COM CHUVA"

H. Assis Corrêa

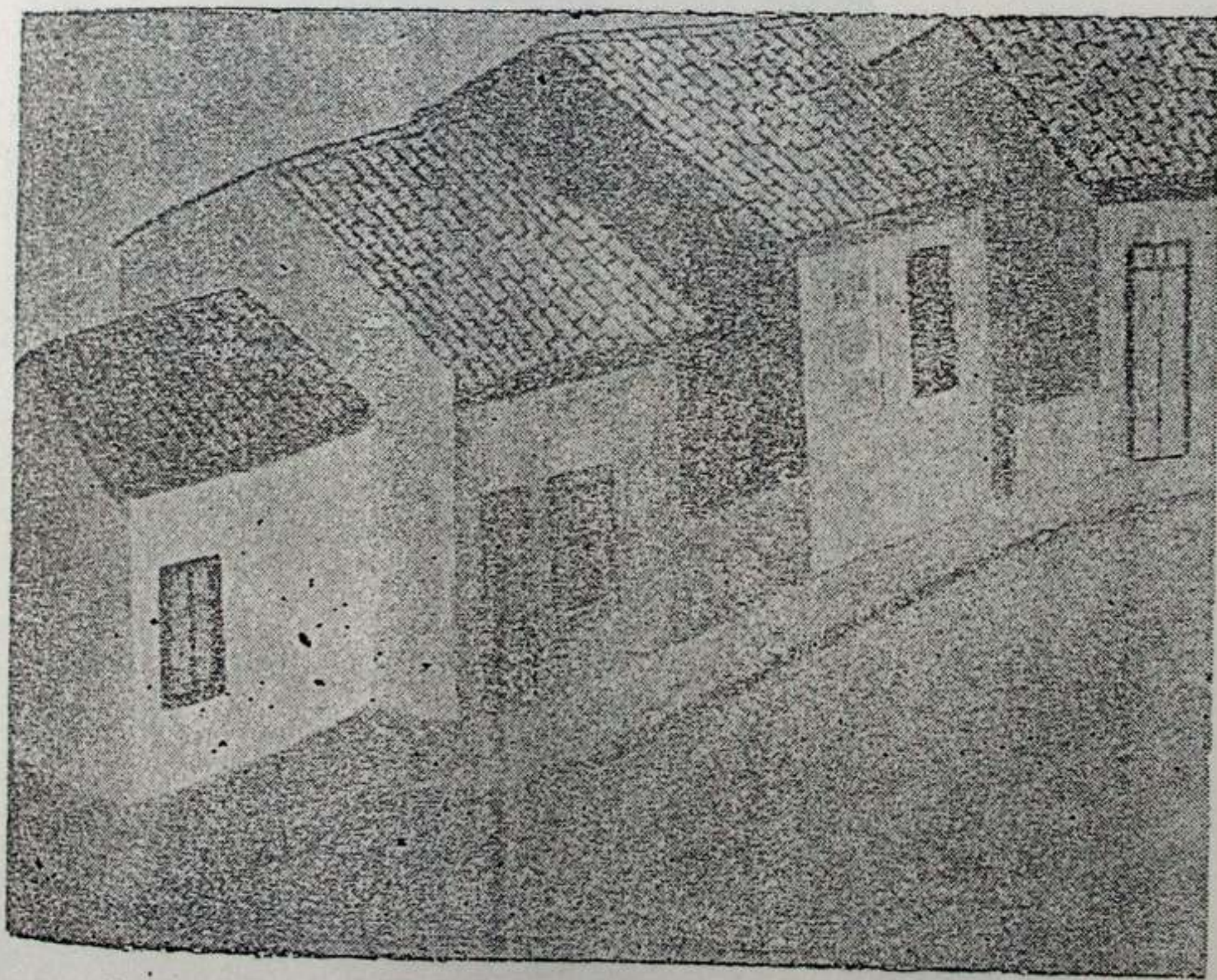


"BARCOS"
Pedro Paulo Vichiciti



"GALOS"
E. Meyer Filho

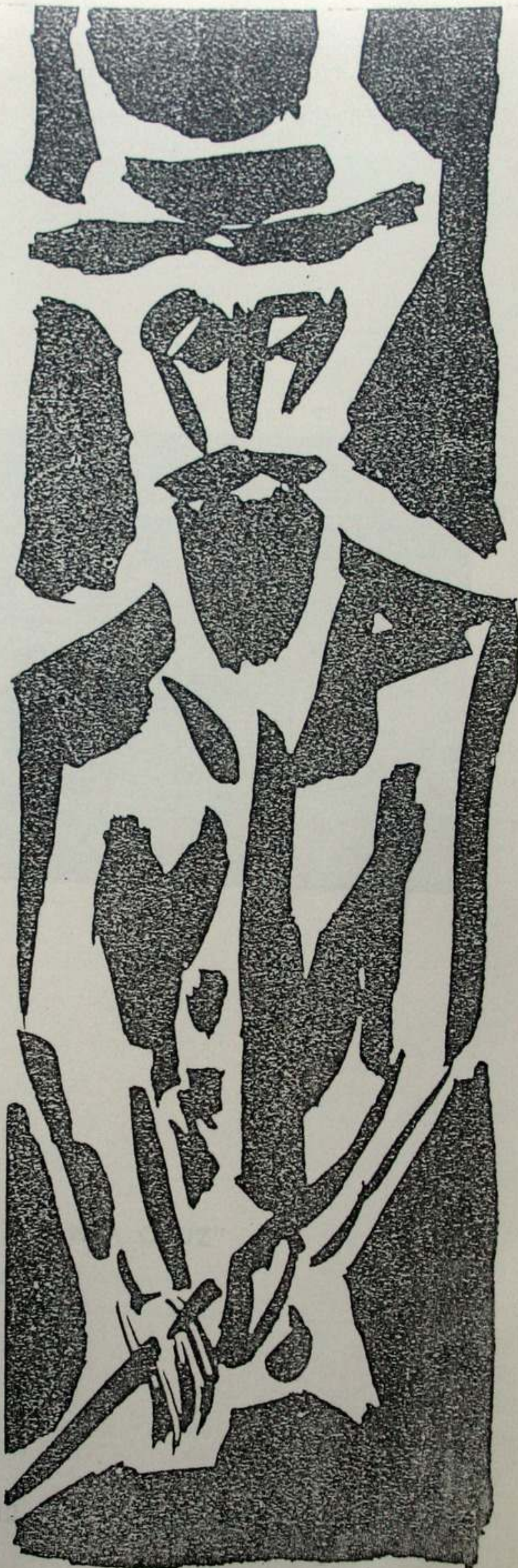
"CASAS"
Tércio da Gama

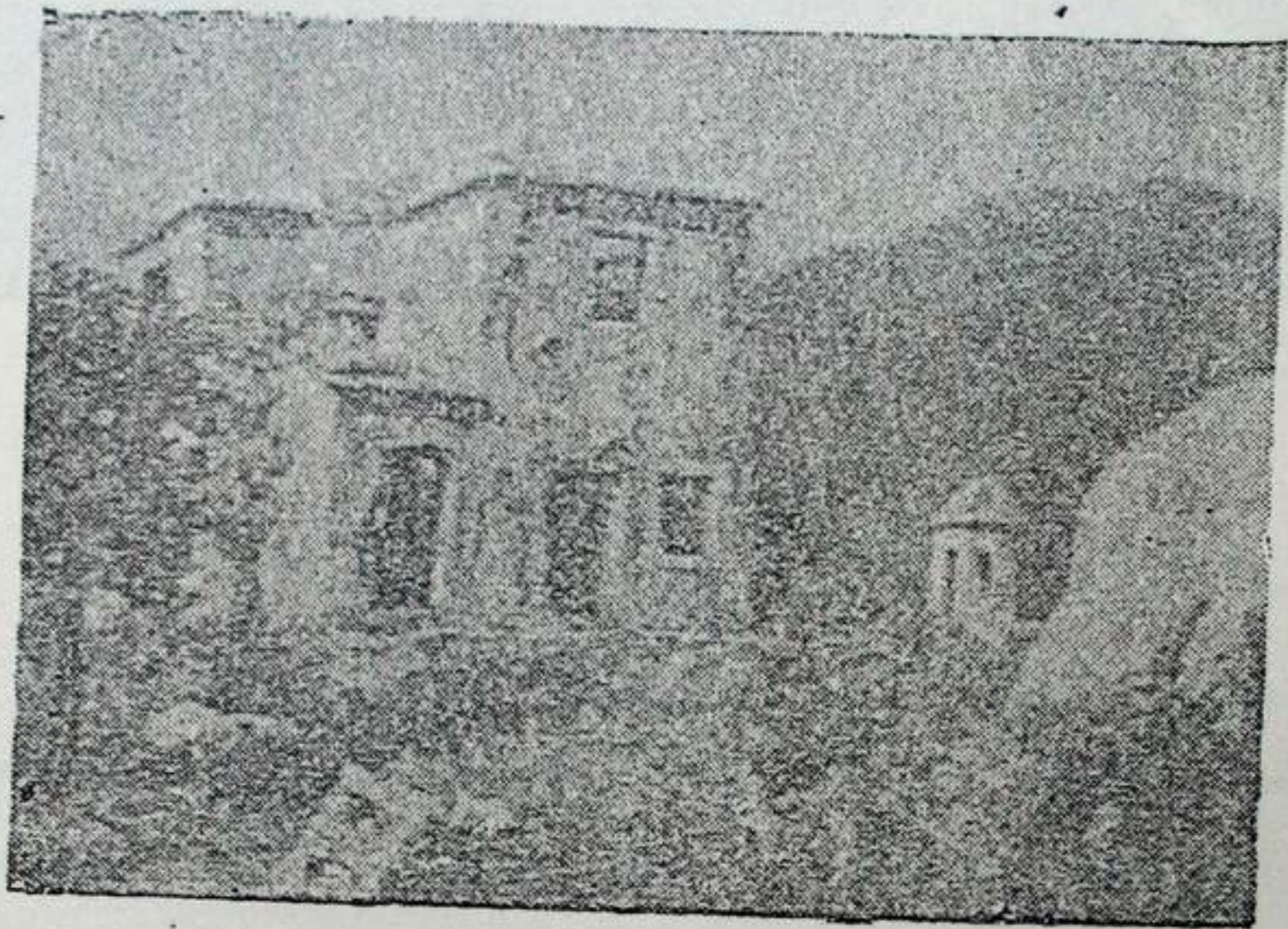




"ESTUDO"
Rodrigo de Haro

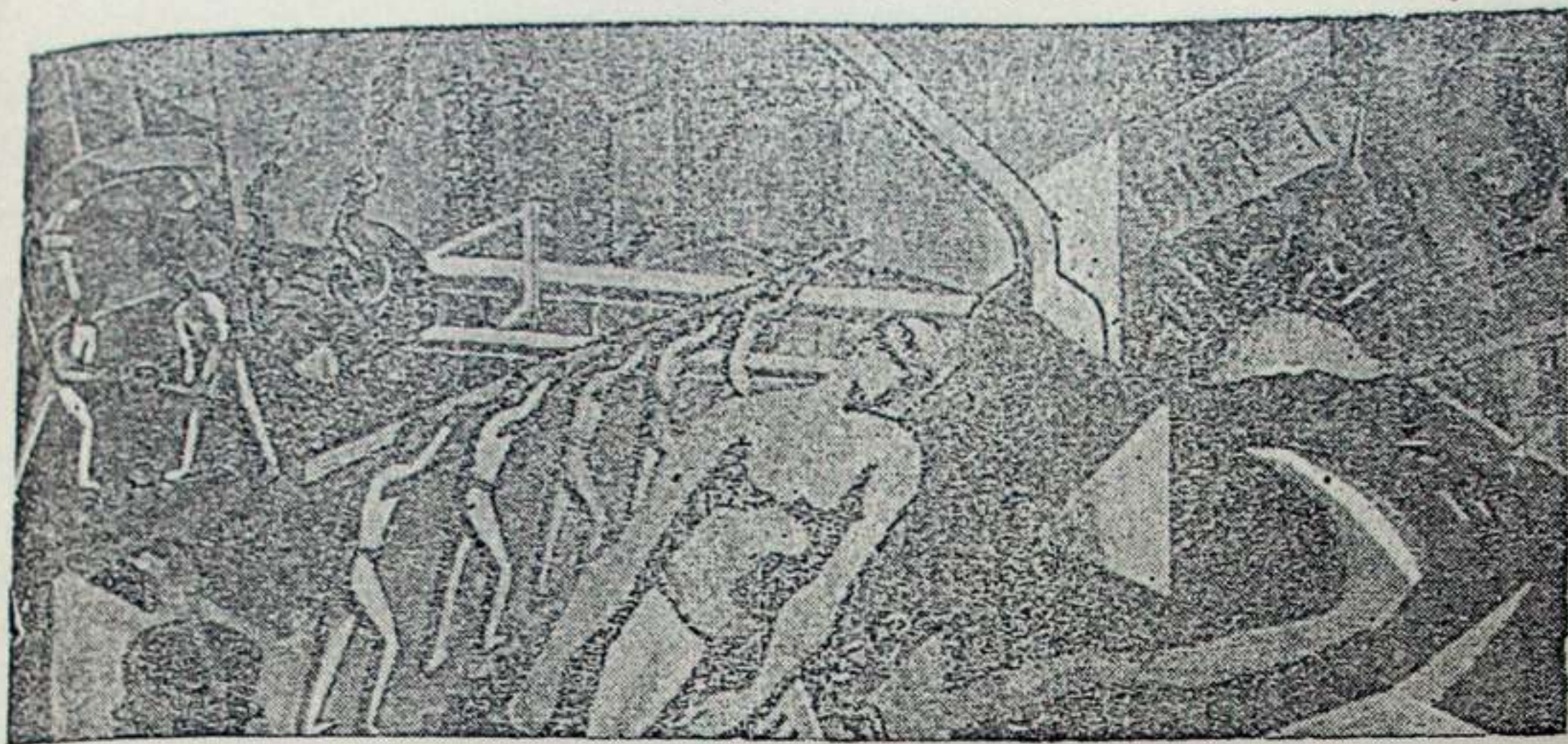
"O MÁGICO"
Hugo Mund Jr.





"FORTALEZA DE SANTA CRUZ"

Dimas Rosa



"PAINEL"

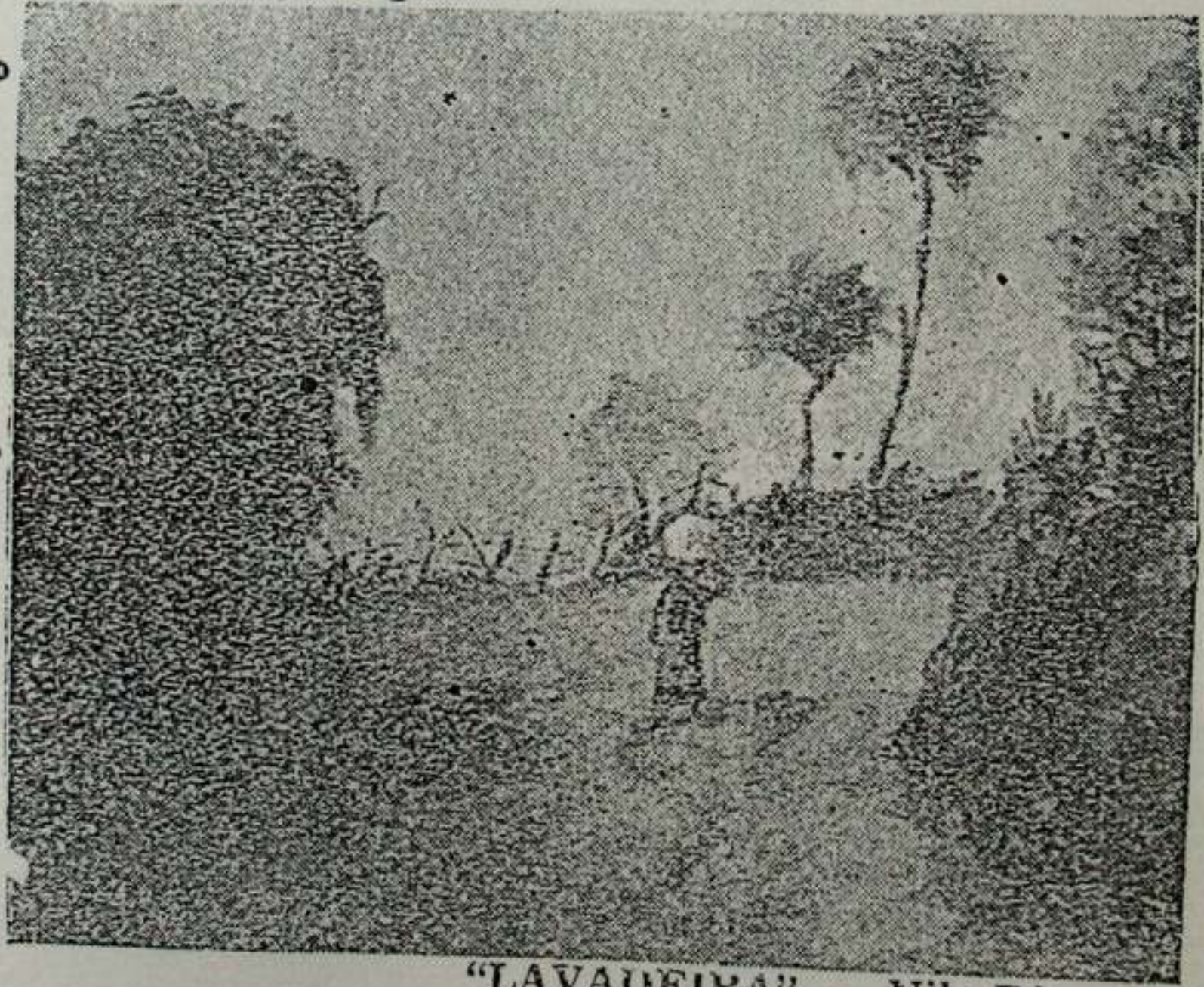
Martinho de Haro

"ESTUDO EM CARVÃO" — Pedro Bosco





"LOBO DO MAR" — Acary Magarida



"LAVADEIRA" — Nilo Dias



"NAZARENO" — Willy Zumblick

Homenagem do autor à revista
- LITOPAL -



Fontoura Dey, numa auto-charge, brinda-nos com seus originais desenhos imaginativos.

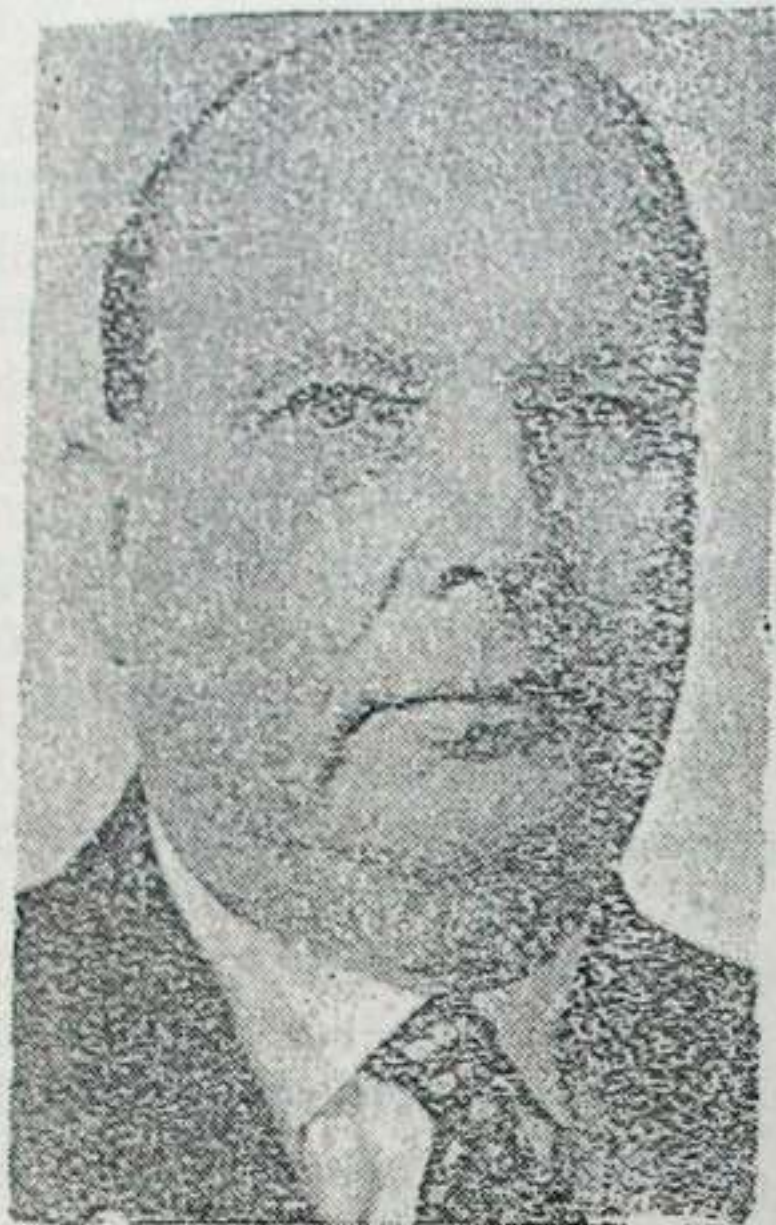
LITORAL

Transcrevemos o artigo que o prof. Gustavo Neves, da Academia Catarinense de Letras, publicou num dos jornais catarinenses, como editorial, por expressar todo o nosso pensamento.

O lançamento festivo da revista "Litoral" não é um acontecimento que se defina como produto de um impulso excepcional da juventude literária de Santa Catarina. Tenho-o como uma vigorosa afirmação de fé renovadora, não tanto talvez de processos artísticos, porque me habituei a ver diversas tentativas de renovação dessa natureza, que afinal desencamparam no mesmo respeito às linhas tradicionais, sem outra marca de originalidade que não a mesma desenvoltura revolucionária (se bem me expresse) preconizada por outras gerações que chegam, animadas dêsse belo estímulo para conquistas de algo novo. Renovadora, sim, de vitalidade artística, ou melhor espiritual, num mundo que já se nos parece demasiado exausto pelo pragmatismo generalizado dos dias tenebrosos que vivemos. A juventude é sempre uma promessa de melhores tempos e maiores aquisições culturais. E os moços do grupo "Litoral" têm de simpática a moderação da atitude, que não visa à demolição total do passado, mas prudentemente busca o que, acreditam, haverá de perene, de venerável no que as gerações idas lhes deixaram... Não lhes levamos a mal a impetuosidade com que, porventura, nos pareçam excessivamente otimistas, acêrca dos valo-

Nós
rês espirituais. Porque é exatamente nessa característica de aparente contradição com o que lamentamos como tendência universal que reside muito das esperanças em salutares fôrças providencialmente atuantes, através dos moços de agora, para a reação idealística aos abastardamentos da arte, favorecidos até mesmo em nome duma renovação de meios e fins artísticos. No primeiro número de "Litoral" vejo, aliás, a colaboração dum "velho" suficientemente "velho" para ser presidente da nossa Academia de Letras. Isso representa um aceno de paz dos "novíssimos" aos que, acusados como nós de se haverem enfeitado pelos ranços clássicos, não terão constrangimento em saudar o aparecimento do grupo "Litoral", como uma bela esperança, a mais além da serena quietude da velhice... Pois meus amigos, aqui me tem a abraçar, muito contente, os talentosos moços que, ontem, lançaram a sua revista. E que sejam felizes!

Nós e o Governador



Chegamos ao segundo número de LITORAL. Mais uma vitória. Mais um acalentado sonho que se transforma em realidade. Mais um passo seguro que corrobora com a evolução artístico-literário do Estado de Santa Catarina.

Ao Exmo Sr. Governador do Estado Sr. Heriberto Hülse o nosso profundo agradecimento pelo apôio financeiro e pela confiança que nos depositou. Essa colaboração, tão significativa, demonstrada por tão preeminente homem público, significa a existência de LITORAL.

Exultantes de encontrarmos em Sua Excia. Governador Heriberto Hülse, um amigo da literatura, um continuador da obra inesquecível de Jorge Lacerda, agradecemos o amparo recebido, superando assim, tôdas as dificuldades que um órgão literário de província encontra para a sua publicação.

Certos de que continuaremos a obter de Sua Excia. Governador do Estado, o apôio e a confiança para as próximas publicações de LITORAL, registramos aqui o penhor de nossa gratidão, o nosso agradecimento sincero, e a certeza de que seu gesto representa grande estímulo a um punhado de jovens idealistas, dispostos à luta sem tréguas; rumo a um ideal digno e sadio.

Consignada está em nossa memória, esta ação nobre e esclarecida de um Governador que se prontificou em colaborar com a literatura de seu Estado.

A DIREÇÃO

REALIDADES BRASILEIRAS

P. FERNANDO LAGO

O tema, como o próprio título sugere, é vago, passível, portanto, de sofrer contestações. Estas podem ser reconhecidamente lógicas, bastando que para isso se orientem por ângulos diferentes dos que utilizaremos aqui. Por outro lado não poderemos intentar conculsões que envolvam todos os fatos da vida brasileira. Seria, caso assim nos propuséssemos, abraçar volumes incompatíveis com a extensão de nossos braços. Seguiremos por rumos sintéticos, sem todavia buscarmos sínteses, digamos, globais, da realidade brasileira.

Ao se efetuar tão angustiosa interrogação — qual é a situação atual do Brasil? — nos parece que a primeira resposta seria “promissora”. A razão primordial da resposta se encontra num desejo subconsciente de ver o desenvolvimento de uma nação da qual somos filhos, e secundariamente, ou mais conscientemente pela crença na solidez de nossos recursos naturais e na favorável estrutura econômica internacional, nos dias atuais. A simples resposta, bastante otimista, entretanto, é proferida com certo hesitar, com cautela que deixa entrever suficiente temor quanto ao nosso futuro. A explicação dessa resposta otimista mesclada de sintomas pessimistas pode ser facilmente obtida em se considerando importantes ressalvas que perturbam o sentido completo de nosso desenvolvimento. Aqui, o termo — desenvolvimento — possui acepção mais absoluta, não se identificando somente com desenvolvimento econômico. Este mesmo, ainda que não queiramos nos colocar rigidamente nas linhas ortodoxas de interpretações materialistas, nos parece existente não por si só, mas envolvendo complexas relações com fatos da vida social e até mesmo com fatos da vida artística-científica. Tais aspectos das manifestações humanas são, na verdade, projeção de “status” sociais, e por sua vez, os fatos sociais estão fundamentalmente alicerçados em fatos econômicos.

Daí, cremos poder partir de um tema unidade, no caso, o econômico.

O que sentiremos, de início, é que vivemos um momento dos mais dinâmicos até então verificado no processo histórico do Brasil. A expressão designativa que primeiramente adotaremos para a caracterização da atual situação do Brasil seria: em transformação. A seguir completariamos, ... em expansão. Ficariamos consequentemente limitados a afirmações puramente otimistas. Mas, justificaremos o que assinalamos anteriormente, e introduziremos expressões designativas que enfeixam estados um tanto de temeridade ou, mais fortemente, que exprimem algo de pessimismo. Complementariamos então, assegurando que o processo de desenvolvimento (transformação mais expansão) apresenta-se calcado em construções precipitadas, impelidas por determinantes instáveis e que se traduz, finalmente, na existência de fragilidade estrutural.

Exemplificaremos mais claramente o que aludimos acima: Pela consulta estatística notamos o crescimento numérico das classes secundárias (atividades industriais) e terciárias (serviços) e concomitantemente, decréscimo numérico das classes primárias (atividades agrícolas).

Sociologicamente, a diminuição dos participantes das atividades primárias e engrossamento dos participantes secundários e terciários, constitui o fenômeno que caracteriza o desenvolvimento de um organismo social.

O simples computar de semelhantes evidências não nos permite, sem prévio e cauteloso exame do dinamismo que encerram os números estatísticos, chegar a conclusões acertadas, e no caso lisonjeiras para nós brasileiros.

Há, no seio dos fatos expansionistas em tôdas as esferas de atividades, no Brasil, flagrantes contrastes entre quantidade e qualidade. Assim, por exemplo, quando nos deparamos com os índices de crescimento dos fatos brasileiros somos tomados por uma espécie de cegueira que nos encobre, ocultando-nos realidades outras que atestam debilidades dos tão estrondosos índices, ou dos mais atualizadamente chamadas — metas.

O fenômeno do “agigantamento metropolitano”, como os sociólogos denominam ao surgimento de populosas cidades brasileiras, reflete bem o índice alarmante de um desenvolvimento que não é muito frequente encontrarmos nas exposições políticas, ou nas feiras de amostras. Limeira Tejo já há muito clama contra tal evidência, e reproduz, em sentido de divulgação, conclusões sólidas a que chegaram muitos analistas dos fenômenos brasileiros. Referimo-nos ao desenvolvimento do pauperismo, ao crescimento do número de marginais. Se as cidades revelam tão grave realidade, são também, por outro lado reveladoras de semelhantes situações de nossa vida rural, celeiro do “agigantamento” urbano.

Por outro ângulo de análise também chegaremos às mesmas deduções. O referido fenômeno de “agigantamento metropolitano” caracterizado pela expansão industrial, em grande parte, pode ser decomposto no raciocínio que segue: A expansão industrial do Brasil, que traz consigo radicais modificações sociais e culturais, também apresenta os mesmos sintomas de fragilidade. Tal expansão se fundamenta por um programa de investimentos financeiros, visando a compra da equipagem capaz de garantir o funcionamento das indústrias. Decorrentemente, em face da pequena extensão do capital nacional, somos levados a outro programa, — empréstimos no exterior, o que de certo modo é inevitável. As indústrias nascidas, dependentemente dos empréstimos, tendo que os cobrir em prazos curtos, e tendo que enfrentar a produção em massa de concorrentes externos, apela ao aumento de custo de vida.

Creio que em muitos exemplos restritos da atual vida nacional nos esbarraremos com os mesmos aspectos. De um lado, evidências de transformação evolutiva, e de um outro, perturbações que estrangulam o processo, em sua marcha serena e firme. E se olharmos de prisma ainda mais gerais, notaremos também claramente o aspecto desequacionado

entre a prodigalidade de nossos decursos naturais e a forma rudimentar e mesmo irracional de aproveitamento desses recursos. Se existe semelhante desentendimento entre o homem brasileiro e o meio natural, é de se esperar que todos o drama humano que se desenrole no território nacional esteja eivado de contrassensos e contrastes e fragilidades.

Mesmo assim, ainda acreditamos em tempos melhores. Graças a Deus!

— 0 —

A MÁRIO ROBALNA

meu melhor amigo

E QUANDO A MORTE A PRESCRUTAR, SILENTE,
O ESTERTOR QUE FINDAR O TEU VIVER,
POR CERTO HÁ DE INDAGAR AO TEU CONCIENTE
DAS INERÊNCIAS VIVAS DO TEU SER.

QUE IMPORTA A TI OS MALES QUE TE ESPERAM,
SE JÁ NÃO BASTAM AO TEU VIVER INSANO,
AS INJUSTIÇAS MÃS QUE TE FIZERAM?
CONTUDO FÔSTE BOM, E JUSTO, E HUMANO.

NA ALGIDEZ FATAL DO TEU SONO IMERSO,
EXULTO NO CALOR DÊSTE MEU VERSO:
— GRANDEZA INATA DO TEU PURO SER.

É TÃO FÁCIL SER MAU E SER TIRANO!
DIFÍCIL — É SER BOM, E JUSTO, E HUMANO!
NESTE MUNDO DE LAMA E PADECER.

Florianópolis, 1958

Fontoura Rey

Uma das razões precípua da eclosão de ideologias extremistas, sobretudo nos países subdesenvolvidos do hemisfério ocidental, reside no pauperismo alarmante, nos baixos níveis de existência, pela incapacidade aquisitiva de elementos essenciais à vida. O combate ao mal-estar generalizado e a realização da paz social só surtem efeito, tendo como ponto de partida o desenvolvimento das fontes diretas da produção, captando nossas riquezas, para apresentá-las às solicitações e às exigências dos mercados, no processo econômico elementar da oferta e da procura.

Não podemos, todavia, dominar essas condições de sobrevivência, como força de organização, sem a imposição, pela moderna técnica, de novo conceito de mão-de-obra, através da aprendizagem industrial. Supõe o superficialismo de apressadas observações que lavoura e indústria são conceitos que se repelem, não se valorizando a terra, onde se superestima a máquina. A atual orientação econômica prova à sociedade o valor dessas atividades concorrentes, eis que indústria, em última análise, é recuperação da terra pela terraplenagem, pela adubação química, pela mecanização das atividades agrárias, no estabelecimento de maior rentabilidade, decorrente da gradual melhoria da mão de obra especializada.

Na direção do SESI e do SENAI, em Santa Catarina, o Sr. Celso Ramos vem mostrando, há muitos anos, a nítida compreensão do problema em apreço, enfrentando, sem hesitações, empreendimentos de vulto, como a modelar Escola Industrial de Lajes, praticamente concluída. O ilustre dirigente e líder industrial, pelos modernos rumos do aprendizado técnico, vem dando ao Brasil, em seu Estado natal, grande e diuturno esforço, em direção aos rumos de nossa auto-determinação econômica.

A dura lição da última guerra, que tanto e tão vivamente impressionou a homens integrados ao problema industrial, como Roberto Simonsen, Euvaldo Lodi e Celso Ramos, diante do despreparo e da má qualidade de nossa incipiente produção industrial serviu de sinal de alerta, na conquista impositiva de nova mentalidade nesse setor de trabalho. Não existe, presentemente, no território catarinense, porção alguma onde, direta ou indiretamente, não se tenha feito sentir a ação desvelada de Celso Ramos, na direção dos serviços organizacionais do aprimoramento da mão-de-obra e da assistência social aos trabalhadores na indústria. É o milagre admirável que atende pelas siglas de SESI e de SENAI: — Serviço Social da Indústria e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Estado com produção diversificada, economicamente vivendo à base da pequena propriedade, facilmente industrializável, Santa Catarina, graças a Celso Ramos e aos seus colaboradores diretos, na direção dos referidos serviços, apresenta, hoje, rendimento industrial per capita dos mais elevados no país e só superados pelos índices de São Paulo e Rio Grande do Sul.

E, encarando sob esse prisma o grave problema da questão social, que, de há muito, escapou à solução rudimentar de mero caso de polícia, combateremos as carências do padrão de vida regional e colaboraremos, no país, para a verdadeira paz social, dentro de nossas tradições democráticas e cristãs. Seria injusto esquecer e não deixar aqui consignada a atuação dinâmica do Sr. Celso Ramos nessas regiões de recuperação do elemento humano e de exalçamento da harmonia, entre os diversos grupos e categorias profissionais, vale dizer, entre os trabalhadores e o Patronato.

Sapatos na Estrada

Silveira de Sousa

Penso às vèzes em sapatos na estrada. Estão sòzinhos, são velhos, e a estrada é larga e infinita, orlada de campos infinitos. Juntos, serenamente padecem o sol e a chuva, quando estou melancólico. Raro porém sou melancólico e é com freqüência que os vejo, os sapatos velhos, mergulhados na suavidade vermelha de um fim de tarde. Nenhum som eles ouvem. Nunca tiveram eles dono, poderiam ser meus como teus. Jamais passou alguém ali, para sorrir e dizer: "Meu Deus, que sapatos tortos e feios!" Apenas, no céu do meu pensamento, de quando em quando um gavião sobrevoa a estrada. Sobrevoa tranqüilo, à procura da presa, e segue indiferente aos sapatos.

Outras vèzes anoitece em mim. Somos inconstantes. É inútil dizermos: — vou viver assim, vou pensar assim. Uma hora somos luz, caímos em sombras, depois. Anoitece em mim. E no recolhimento da noite, é mais triste o infinito da estrada, mais solene o infinito dos campos. Os sapatos estão úmidos pelo sereno. Do alto os assiste uma assembléia de estrélas e um sapo, longe, pula inconformado atrás do perdido vagalume. Se me entranha em tais ocasiões a solidão ou o desespero. Fico a invejar os sapatos, na estrada, resignados com as coisas do mundo, em paz, quietos, como se fôsem um sábio ou um bem-aventurado artista.

Tempos há em que me esqueço deles. Chama-me a rua, afoga-me o trabalho. Os restos alheios tornam-se constantes. Perco-me na multidão. Corto avenidas movimentadas. Sou ação, o dinheiro e a luta me atraem. Janto, bebo, brigo. Faço ginástica sueca, ando de ônibus, vou aos cinemas. Deixo-me olhar outras paisagens: — uma árvore, o navio chegando, a menina que sorri. Mas não surgem eles, um dia, inesperadamente, como a saudade de algo inexplicável, a encher-me o espírito de vaga ternura, os sapatos na estrada?

Coitados! Não posso concebê-los de forma diversa! Sòzinhos eles estão, sòzinhos permanecem. Nem posso controlá-los. São tortos, são velhos. Poderiam pertencer a mim ou a ti. Não os admiram piedosos olhares humanos. Únicamente, para meu consólo, de quando em quando um gavião sobrevoa-lhe o céu límpido. Ou um sapo, longe, pula desastrosamente buscando o perdido vagalume.

A MORTE DO CÃOZINHO

Crônica de Osmar Silva

O cãozinho descia a rua Felipe Schmidt, à altura do prédio da Assistência Municipal. Vinha em marcha trotada e a rubra língua pendente indicava cansaço ou sede. Era um belo e gracioso animalzinho todo branco, com uma fitinha vermelha amarrada ao pescoço. Talvez tivesse fugido de casa arriscando uma aventura pela rua ou seguisse, guiado pelo faro, de volta ao seu dono. Parecia pouco afeito àquela excursão matinal e vez por outra parava e aspirava os odôres da rua, como se buscasse orientação. Será que o destino interfere na vida dos animais, como acontece com as criaturas humanas?... Não o saberia dizer, mais a verdade era que o cãozinho vivia os seus últimos momentos neste mundo, e, se alguma aventura tivera, seria ela a última, a definitiva, aquela que não fica na memória, porque com ela, tôdas as lembranças se apagam e sobrevém a escuridão, o es-

quecimento, o nada!... O automóvel que apontou no alto da ladeira, desceu-a em alta velocidade, conduzindo a morte nas possantes rodas.

Morte que se projetou de chôfre, fria e implacável, sobre o belo e gracioso animalzinho!... Com um leve toque de mão, o chofer poderia ter poupado a vida ao mimoso cãozinho... mas, que vale a vida de um cão, feio ou bonito, pequeno ou grande, para o poderoso e insensível senhor das ruas?

Senhor que, às vezes, usa e abusa do direito do mais forte. E o cãozinho, por andar na rua, nela morreu!... Morte rápida, sem um ganido sequer. Apenas um pequeno estalo, um breve ruído de ossos esmigalhados e o que era antes uma coisinha viva e palpitante, duas orelhinhas atentas e um leve franzir de narinas aspirando os odôres da rua, era agora um corpo sem vida, as perninhas dianteiras irônicamente cruzadas, a cabeça amassada e uma fitinha vermelha que se confundia com o sangue que se coagulava rapidamente.

Não me fôra possível esboçar qualquer tentativa em defesa do infeliz animalzinho. Preparava-me para deixar o local, quando uma menina de seus oito anos presumíveis, vinda, em louca disparada, de uma das casas do Largo do Fagundes, de mim se acercou ainda ofegando e perguntou-me, enquanto os olhos denunciavam a inquietação que a dominava: — "Moço, o senhor viu passar por aqui um cachorrinho branco com uma fitinha vermelho no pescoço?" Tentei impedir que visse o objeto dos seus cuidados estendido, sem vida, no meio da rua, mas ela já o havia pressentido!... Rápida estava a seu lado e, erguendo o pobre corpinho mutilado, agasalhou-o, delicadamente, num instintivo gesto maternal, no seu aventalzinho verde. Passou, sem me olhar, vagarosamente, as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces, carregando o seu cãozinho morto, como se conduzisse ao colo, sem o saber, um pequenino esquife que contivesse no bôjo, a sua primeira e profunda mágoa de criança.

Fiquei olhando-a, uma figurinha frágil que se esbatia nas sombras do corredor da casa, como se estivesse vendo a mim mesmo, num dia distante da minha infância, abrindo nos fundos do quintal, com as mãos trêmulas e o rosto em pranto, uma pequena cova para sepultar o corpo do meu cãozinho de estimação — companheiro inseparável das minhas raras horas de alegria!!!

por Tailarbas M. Costa

"Se o trabalho é a alegria de viver, prefiro morrer de tristeza". Copiei textualmente os dizeres do quadrinho emoldurado e caprichadinho, colocado sobre a mesa de serviço de um brasileiro. A princípio não reparei bem, e notei logo que o homenzinho começou a procurar um jeito de dirigir a minha atenção para o quadro, pois fazia questão de que todos lessem aquela manifestação de sua "elevada espirotuosidade". Sentia-se mal mesmo, se alguém passasse por ali sem percebê-lo. Mas quando me viu de olhar fixo no quadrinho, mudou de figura. Tomei papel e lápis. Copiei. Agora sim, o homenzinho parecia mais senhor de si; sentia-se mais admirado. Foi antecipando a sua risadinha, num místico de orgulho e superioridade, como quem estivesse recebendo parabéns pelo nascimento do primogênito. O certo, porém, é que verdadeiramente admirado estava eu. Admiradíssimo mesmo, pela mentalidade vil, pela ignorância, pelo descaramento de um homem de colarinho duro, gravatinha impecável, belo tropical inglês, sapatos bem engraxados, responsável por determinado setor de um escritório comercial e que timbrava em bater no peito dizendo-se "brasileiro puro", acrescentando ainda "e não gosto de gringo".

É... parece que Deus é brasileiro mesmo, porque no Brasil vale tudo. Vale incendiar mendigos vivos. Vale jogar moças do 12º andar de um edifício. Vale matar bispos a tiros. Vale ser cônsul português (de araque) e sair da cidade calmamente, não sem antes ter "tomado emprestado" o dinheiro de cidadãos "geniais e prestativos". Realmente, tudo é democracia. E à própria democracia vale dar um conceito novo e originalíssimo: "sistema de governo acima da consciência do povo". Sem dúvida. O candidato propõe a compra, o eleitor vende o voto. Negócios. Primeiro o dinheiro, depois a sombra e água fresca, por fim o orgulho de ser brasileiro e viver sob a democracia mais democrática do mundo.

A propósito, já que falávamos em trabalho, esse flagelo tão peculiar aos eleva-

dos sentimentos de brasilidade, não custa lembrar: "Só há uma sina a que o homem não pode fugir — é o trabalho, ponte lançada sobre o abismo da miséria, no fundo do qual gemem todas as dores, rugem todos os vícios e escabujam em lama todas as vergonhas. Só os fracos, os impotentes, quedam na resignação; os enérgicos insurgem-se lutam, dão combate à vida e vencem".

Onde iríamos parar, se todos os brasileiros "que não gostam de gringo" resolvessem trocar máximas espirituosas de seus quadrinhos emoldurados, por estas palavras de Coelho Neto?

Maté

É a legítima bebida dos Brasileiros e a única que não tem similar por ser pura!

Não é droga!

É saúde!

"A DIVISA"

"A Divisa", de H. Vignola, é o novo romance digno de ser lido por todos os apreciadores da boa leitura. "É muito estreito o divisor que limita o mundo dos sãos do dos dementes. E há pessoas que passam a vida oscilando sobre essa divisa". Partindo desta verdade incontestável, o autor explora com maestria o mais profundo labirinto de todos os tempos: a alma humana — suas diversas faces. Editôra Nova Era Ltda. — São Paulo (S.P.).

Praia do Müller

Lausimar Laus

Aquietai-vos. Deixai que eu volte à Praia do Müller. É que não vos falarei de espectros. Falarei, sim, de retratos. Sou o fotógrafo vindo dos longes que ficam perto da essência. Retrato somente o anterior, o que não é mais, o que já foi. Por isso, aquietai-vos. Sentai de novo no Oliveira Belo, debaixo da sombra respirando vida que a árvore gorda, de tronco gordo, deixou no chão, como quem desenha, no espelho, um rosto pacífico e imutável. Sentai, de novo, "négo Crisandalha", João da Maria, Capitão, gente desconhecida que conversa à sombra, gente que sonha ao cheiro bom dos junquinhos de setembro, povo que vem de São José, pescador que vem dos Coqueiros, mulher que abre a mala cheia de rendas de bilros e de crivo alvinho, pessoal que espera a hora de entrar no serviço dos Correios, na Delegacia Fiscal, meninas de uniforme azul e branco do Instituto de Educação, Juizes que vão julgar, advogados que vão defender, moças donairosas florianopolitanas, guri vendendo tucum, rapazes estudantes que estão passando o restinho de suas férias da faculdade Curitibana, meu namorado estudante, todos! Sentai nem que seja um segundo. Só para pousar para um retrato que não é. Um retrato movimentado, cheio de andanças e ruídos, que contém automóveis passando, ônibus para o Estreito e para a Agrônômica, para São José e Pajuçara, menino do amendoim torrãozinho, velho vendendo quitanda, vozerio da moçada que vai à escola, suave. Beliscão-das-Moças!... Este é um retrato que continuará vivo, melhor que aqueles que ficam a côr, porque fixa o som e ainda mais, o perfume no ar, o cheiro bom da alegria aos dezoito anos. Sentai um instante, para ver como é. Vou passando nele também, porque sou tratista do jardim

público de outrora, como o mágico homem eletrônico que esconde a alma debaixo... debaixo de nada, porque Nada é o segredo maravilhoso!

Sim, sou eu passando entre vós todos. Não sento porque preciso ir correndo à Praia do Müller. Lá me espera o veleiro de Nair, a moça que me faz inveja, porque seu quarto fica dentro do mar. Não sei de coisa que mais me apaixone que essa casa de Nair, sobrinha de dona Francisca Moeilman, morena dormindo à cantilena das vagas. É preciso acordar Nair. O veleiro já solta as velas para o sul e lá já estão desenhando-se ao longe os Ratores. É hora de acordar Nair para o velejar domingueiro.

Antes de chegar à casa romântica que acaba dentro do mar, acarício, com a minha alegria esfuziante, as penhas soltas ao acaso, na praia, lembrando o trágico amor que matou uma deusa e lhe deixou os seios em cima da pedra. Foi ali... e vou fugindo com meu arrepio de horror e de sonho. Tanto que olho suave para trás. E penso, sempre sorrindo ao céu azul de setembro: sou rica, porque tenho a Praia do Müller, o veleiro de Nair e Celso ao Leme, para vadiar ao sol.

Isso é, de novo, bater uma chapa no silêncio para revelar o dia que foi meu, na praia que foi minha. Mas, e a casa de Nair?!

Se não está mais lá, minha máquina eletrônica a tomou para mim só, para mim, que se fôsse rica, a única coisa que faria era comprar a casa de Nair, dentro do mar, como um aconchego. Não quero pensar que não está mais a casa de Nair! Quisera ficar nela, dormindo nela, no quarto dentro d'água, ao reflexo da lua em contacto com o céu e em colóquio com o mar.

Praia do Müller

Lausimar Laus

Aquietai-vos. Deixai que eu volte à Praia do Müller. É que não vos falarei de espectros. Falarei, sim, de retratos. Sou o fotógrafo vindo dos longes que ficam perto da essência. Retrato somente o anterior, o que não é mais, o que já foi. Por isso, acuietai-vos. Sentai de novo no Oliveira Belo, debaixo da sombra respirando vida que a árvore gorda, de tronco gordo, deixou no chão, como quem desenha, no espelho, um rosto pacífico e imutável. Sentai, de novo, "négo Crisandalha", João da Maria, Capitão, gente desconhecida que conversa à sombra, gente que sonha ao cheiro bom dos junquinhos de setembro, povo que vem de São José, pescador que vem dos Coqueiros, mulher que abre a mala cheia de rendas de bilros e de crivo alvinho, pessoal que espera a hora de entrar no serviço dos Correios, na Delegacia Fiscal, meninas de uniforme azul e branco do Instituto de Educação, Juizes que vão julgar, advogados que vão defender, moças donairas florianopolitanas, guri vendendo tucum, rapazes estudantes que estão passando o restinho de suas férias da faculdade Curitibana, meu namorado estudante, todos! Sentai nem que seja um segundo. Só para pousar para um retrato que não é. Um retrato movimentado, cheio de andanças e ruídos, que contém automóveis passando, ônibus para o Estreito e para a Agrônômica, para São José e Palhoça, menino do amendoim torrãozinho, velho vendendo quitanda, vozerio da moçada que vai à escola, suave. Beliscão-das-Moças!... Este é um retrato que continuará vivo, melhor que aquêles que ficam a côr, porque fixa o som e ainda mais, o perfume no ar, o cheiro bom da alegria aos dezoito anos. Sentai um instante, para ver como é. Vou passando nêle também, porque sou tratista do jardim

público de outrora, como o mágico homem eletrônico que esconde a alma debaixo... debaixo de nada, porque Nada é o segredo maravilhoso!

Sim, sou eu passando entre vós todos. Não sento porque preciso ir correndo à Praia do Müller. Lá me espera o veleiro de Nair, a moça que me faz inveja, porque seu quarto fica dentro do mar. Não sei de coisa que mais me apaixone que essa casa de Nair, sobrinha de dona Francisca Moeilman, morena dormindo à cantilena das vagas. É preciso acordar Nair. O veleiro já solta as velas para o sul e lá já estão desenhando-se ao longe os Ratores. É hora de acordar Nair para o velejar domingueiro.

Antes de chegar à casa romântica que acaba dentro do mar, acarício, com a minha alegria esfuziante, as penhas sóitas ao acaso, na praia, lembrando o trágico amor que matou uma deusa e lhe deixou os seios em cima da pedra. Foi ali... e vou fugindo com meu arrepio de horror e de sonho. Tanto que olho suave para trás. E penso, sempre sorrindo ao céu azul de setembro: sou rica, porque tenho a Praia do Müller, o veleiro de Nair e Celso ao Leme, para vadiar ao sol.

Isso é, de novo, bater uma chapa no silêncio para revelar o dia que foi meu, na praia que foi minha. Mas, e a casa de Nair?!

Se não está mais lá, minha máquina eletrônica a tomou para mim só, para mim, que se fôsse rica, a única coisa que faria era comprar a casa de Nair, dentro do mar, como um aconchego. Não quero pensar que não está mais a casa de Nair! Quisera ficar nela, dormindo nela, no quarto dentro d'água, ao reflexo da lua em contacto com o céu e em colóquio com o mar.

Infância

Alvim Barbosa

Havia um grande canavial e o vento da tarde agitava suas fôlhas em adeuses de esperanças. Eram fôlhas longas e cortantes como espada.

A casa dormia numa clareira. Era bonita. (Hoje, vive no abandono, povoada de sombras e recordações). A porta já não se abre. Está constantemente fechada.

Tudo lá é ausência. Não há mais a música dolente da engenhoca triturando canas nem os gritos conhecidos que me enchiam de presença. As estrêlas estão mortas em cima dos telhados. Antes, tudo era estrêlas e luas prateadas. Tínhamos mares e navios nos sonhos. Hoje, temos navios sem mares e estrêlas opacas.

Quando a engenhoca cantava e os gritos conhecidos (o do João era o mais estridente), me faziam lembrar paisagens desconhecidas, onde outros povos trabalhavam e outros homens eram felizes, eu sorria. Agora, não há mais gritos nem música nem gestos.

Havia também o senhor da engenhoca. Era bondoso e calmo. Seus olhos eram pequenos, mas viam muito. Um dia, êle partiu silencioso. Deixou flôres e frutos atrás de si. Algumas flôres morreram, alguns frutos se estragaram. Foi maldade. Das flores, só restou o perfume. Mas o tempo carregou o perfume das flôres que se foram. Foi triste! Dos frutos só ficou um. Êsse, era sadio e suportou tempestades e invernos.

A engenhoca continuou suas canções adocicadas pela garapa que escorria em suas moendas. Houve festa de luz na casa velha e fogueiras de alegria nos terreiros. Mas foi breve.

Um dia, partiu o homem bem cedo, com seu cavalo.

Voltou de tarde cansado, com volúpias de cidade e com a pureza dos campos completamente desfeita. Não ligou prá casa velha. Não chamou mais vagalumes, não escutou minha voz...

Partiu para a cidade em busca não sei de quê.

Deixou na casa velha uma sombra. A infância.

Porque entrei para a Academia Catarinense de Letras

Walter F. Piazza

Num bate-papo com o meu ex-aluno e cordial amigo Nicolau Apóstolo, a propósito de uma colaboração para "Litoral", — empreendimento que enaltece uma geração — aventou aquêlê jovem que eu dissesse em página e meia, as razões do meu ingresso, ou melhor ainda, das minhas disposições para pleitear uma cadeira na Academia Catarinense de Letras.

O assunto é de biografia e, no caso presente, falar de gente viva é, por demais, incômodo.

E mais incômodo, ainda, quando é auto-biografia, gênero muito bom quando, cinquenta anos depois da morte do autor, se quer fazer um estudo, à luz de outros documentos e depoimentos, de uma época, de uma geração.

Por outro lado, a faceta mais imperdoável das auto-biografias é o autor escrever na primeira pessoa: "eu" !!!

Quisera-me livrar dêste mal-estar, mas, há certas ocasiões e circunstâncias tais que não podemos deixar de analisar, para bem situarmos os fatos.

x x x

Hoje, talvez, eu responda, somente, dizendo que sou muito apegado às tradições familiares e, desta forma, aceitei concorrer, sem concorrentes, à brilhante companhia da, até então, "Bela Adormecida", que o espírito brilhante e irrequieto do Dr. Othon da Gama d'Eça vem despertando para as letras e da nobre causa da cultura catarinense.

Entretanto, razões mais remo-

tas, mais fundas, do mais íntimo do meu ser, impeliram-me à Academia.

Quero referir-me ao guieiro dos passos incertos de um canhoto (é canhoto, mesmo!) menino do interior, que, nos seus seis para sete anos, teve, a desvendar-lhe os olhos para as letras do alfabeto, as seduções de doces cristalizados e... um ameaçador saca-rôlhas, empunhada por um forte e meão homem de mais de sessenta anos, de cabelos à escovinha e bigodes retorcidos, que, par a par, aos dísticos das "manchetes" de "A Noite", do Rio de Janeiro, apresentava ao seu improvisado aluno, naquela casa da rua do Matoso, na Capital da República, as primeiras aulas de História Catarinense.

O professor, severo e amigo, dono de um repertório imenso de histórias de outros povos e de outros mares (que não os nossos!), embevecedores do provinciano recém-saído do seu vale estreito, úmido e tão tacanho, outro não era senão o Almirante Henrique Boiteux!

O aluno, nos seus seis para sete anos, vivia, ali, com outros dois primos, espantado, qual "bicho do mato" com as coisas maravilhosas do Rio de Janeiro de 1932...

Mas, muito mais encantado com as histórias dos Mares do Sul ou das diferenciações culturais entre japoneses e chineses, ou, ainda, com as descrições de naufrágios, peripécias em terras de línguas diferentes, e, também, em grau maior, as histórias da nossa História!

E sem que ninguém adivinhasse estava encaminhado para duas ob-

Porque entrei para a Academia Catarinense de Letras

Walter F. Piazza

Num bate-papo com o meu ex-aluno e cordial amigo Nicolau Apóstolo, a propósito de uma colaboração para "Litoral", — empreendimento que enaltece uma geração — aventou aquêlê jovem que eu dissesse em página e meia, as razões do meu ingresso, ou melhor ainda, das minhas disposições para pleitear uma cadeira na Academia Catarinense de Letras.

O assunto é de biografia e, no caso presente, falar de gente viva é, por demais, incômodo.

E mais incômodo, ainda, quando é auto-biografia, gênero muito bom quando, cinquenta anos depois da morte do autor, se quer fazer um estudo, à luz de outros documentos e depoimentos, de uma época, de uma geração.

Por outro lado, a faceta mais imperdoável das auto-biografias é o autor escrever na primeira pessoa: "eu" !!!

Quisera-me livrar dêste mal-estar, mas, há certas ocasiões e circunstâncias tais que não podemos deixar de analisar, para bem situarmos os fatos.

x x x

Hoje, talvez, eu responda, somente, dizendo que sou muito apegado às tradições familiares e, desta forma, aceitei concorrer, sem concorrentes, à brilhante companhia da, até então, "Bela Adormecida", que o espírito brilhante e irrequieto do Dr. Othon da Gama d'Eça vem despertando para as letras e da nobre causa da cultura catarinense.

Entretanto, razões mais remo-

tas, mais fundas, do mais íntimo do meu ser, impeliram-me à Academia.

Quero referir-me ao guieiro dos passos incertos de um canhoto (é canhoto, mesmo!) menino do interior, que, nos seus seis para sete anos, teve, a desvendar-lhe os olhos para as letras do alfabeto, as seduções de doces cristalizados e... um ameaçador saca-rôlhas, empunhada por um forte e meão homem de mais de sessenta anos, de cabelos à escovinha e bigodes retorcidos, que, par a par, aos dísticos das "manchetes" de "A Noite", do Rio de Janeiro, apresentava ao seu improvisado aluno, naquela casa da rua do Matoso, na Capital da República, as primeiras aulas de História Catarinense.

O professor, severo e amigo, dono de um repertório imenso de histórias de outros povos e de outros mares (que não os nossos!), embevecedores do provinciano recém-saído do seu vale estreito, úmido e tão tacanho, outro não era senão o Almirante Henrique Boiteux!

O aluno, nos seus seis para sete anos, vivia, ali, com outros dois primos, espantado, qual "bicho do mato" com as coisas maravilhosas do Rio de Janeiro de 1932...

Mas, muito mais encantado com as histórias dos Mares do Sul ou das diferenciações culturais entre japoneses e chineses, ou, ainda, com as descrições de naufrágios, peripécias em terras de línguas diferentes, e, também, em grau maior, as histórias da nossa História!

E sem que ninguém adivinhasse estava encaminhado para duas ob-

sessões, fortemente enraizadas no meu ser: o amor ao salso elemento e a paixão pelas leituras históricas, que, desde então, me tem acompanhado neste quarto de século decorrido.

Foi com estas paixões que frequentei outras escolas, do Rio volvi à Terra Natal, esfreguei fundilhos em bancos escolares, vivi, bem vivida, a minha juventude, iniciei-me nas letras de fôrma aos catorze anos (quando o Capitão "Canudinho" de saudosa memória Euclides de Castro, fêz publicar em jornal joinvillense uma crônica teatral de um ginásiano), e, por fim, vejo-me, no cenário cultural de minha Terra.

Foi a semente lançada, naqueles dias da rua do Matoso que frutificou? Sim, aquela semente não foi jogada ao léu. Foi cultivada com carinho: quando o aluno já soletrava recebia, para complementar a lição prestada ao pé da máquina de escrever, um pedaço de doce cristalizado e, também, uma página de História Catarinense, e, aos poucos, foi em sua vida sendo uma necessidade a leitura histórica... como passa-tempo de outras ocupações, quer escolares, quer funcionais.

Esse homem lançou a semente e cultivou-a, outros trataram-na com carinho, e o atávico amor à Terra e às suas coisas fizeram, talvez, o resto?!

Não sei!... Não posso afirmar, mas, é bem provável que sim, pois, se não fôsem estes fatores não teria escrito e cumprido o ditame de D. Ramón de Campoamor: "el hombre say que publicar sus obras, buenas o malas".

Mas, por que entrei para a Academia Catarinense de Letras?

Porque a Academia faz parte da minha vida familiar como o faz o Instituto Histórico e Geográfico e

tudo o mais que diga respeito ao estudo do Homem e da Terra Catarinense, e, bati às suas portas, pleiteei a sua cadeira porque estava vaga aquela que fôra ocupada por quem desvendara à minha curiosidade infantil um mundo imenso de conhecimentos e, sem complexos, poderei dizer aos meus pares, venho ajudar-lhes, com os meus fracos conhecimentos, na obra de benemérita cultural que realizam, elevando o nome de Santa Catarina.

POEMA COPACABÂNICO

Cesar SEÁRA

Coxas e umbigos infecundos pincelados
por olhares lambuzantes;

Brancura de dentes em torresmos de super-homens;

Eugenia coca-cola à milanesa em farofa
de luz e mormaço aglutinante de "boite";

Isclas automobilisticamente coloridas fisgando
sovacos carecas;

Veículos superlotados acendendo virilhas;

Vogais nordestinas na carne viva dos espoucantes arranha-céus;

Reverberantes palavrões lusitanos em sotaque "ydisch";

Elevadores bandalhos pendurando madas mais ou menos caloteiras;

Ressaca de bebidas e taras — nacionais e estrangeiras(?) — em dialeto cafesocafetico;

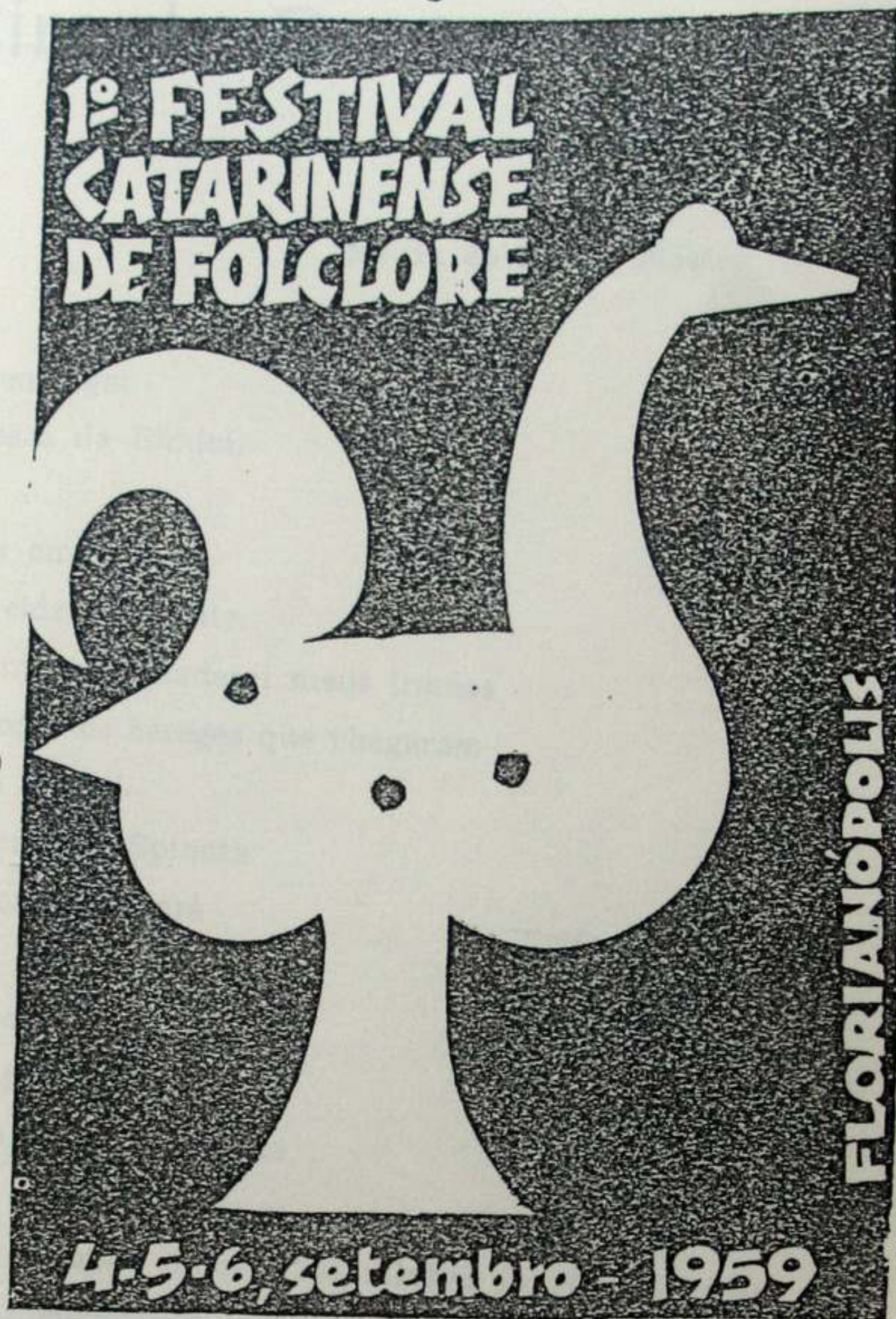
Aliviantes passeios caninos marcando calçadas e postes;

Molemolência de senzala escorrendo dos morros;

E nos Postos de Salvamento da procissão escapista sempre a bandeira vermelha do perigo;

na PRAIA famosa cercada de Brazil (com z mesmo) por todos os lados:

COPACABANA



O Concurso do Cartaz para o 1º Congresso de Folclore de Santa Catarina foi julgado dia 23 de agosto, na Sede do Centro Catarinense. A Comissão julgadora, composta dos professores Q. Campofiorito, Aluísio Carvão e Flávio de Aquino, conferiu o prêmio, correspondente a vinte mil cruzeiros, ao cartaz sob o pseudônimo de ROCCA, de autoria do Sr. Gaslão Henrique, residente em Niterói. Em vista do bom nível artístico do conjunto, a comissão decidiu destacar com Menção Honrosa, os trabalhos apresentados pelos Srs. Geraldo Assis e Acácio de Olival Nogueira de Assunção, residentes no Rio de Janeiro; Paulo Jolovitch e Joaquim Benício da Fonseca, residentes em Porto Alegre.

O Sr. Antônio Augusto Nóbrega Fontes foi o organizador deste concurso, na qualidade de representante do Congresso nesta Capital.

Círculo Sexto

Maura de Senna Pereira

Não será no limbo o meu lugar
nem ao lado de Francesca da Rimini.
Terei de descer ainda,
de passar por mais três círculos,
até ser arremessada na cidade de Dite.
Ao cair na capital dos infernos, saudarei meus irmãos
e perguntarei logo por todos os hereges que chegaram
depois de Farinata degli Uberti.
Gritarei com fervor o nome de Spinoza
e, se lá estiver, o gênio amado falará
à nova sombra maldita.
Tôda a sabedoria portentosa
que habitou o seu sótão holandês
êle me transmitirá do seu sepulcro ardente,
e mais o seu pensamento de trezentos anos.
O enxotado das sinagogas enxotará meus erros, minhas superficialidades;
o polidor de lentes polirá meu torvo e mesquinho conhecimento;
o mestre dar-lhe-á expressão, unidade, volume
e serei profunda e grande no seu pequeno canteiro de fogo.
Bendirei, então, meu pecado e minha pena
através de um canto novo, liberto e universal,
que abalará os infernos,
enraivecerá os demônios
e fará meus companheiros da cidade de Dite
estremecerem, deliciados, nos seus túmulos.

VAMOS BRINCAR COM AS ESTRÉLAS...

Renato Barbosa

Naquela noite deslumbrante e inesquecível, quando as galas do plenilúnio hibernal se transformavam, como em um conto de fada, no encantamento da paisagem, em sedutor enderêço de beleza, entendeu a cativante gentileza do Presidente Ferreira Lima e do Diretor Newtou Cruz devesse eu viajar de Florianópolis ao Rio "Convair" de sua grande e poderosa companhia: — a TAC-CRUZEIRO DO SUL.

Quando, ao evento da última Grande Guerra, a antiga "CONDOR-SINDIKAT" foi encampada pelo govêrno brasileiro, e a iniciativa privada enfrentou o empreendimento de envergadura em irrecusáveis termos de decisão —, eu fui dos que, na imprensa carocca, acreditaram no transfigurador pioneirismo de José Bento Ribeiro Dantas.

E esse homem, realmente singular, um dos mais admiráveis idealistas dêste país, sempre às voltas com irrupções alérgicas de má vontade e de descrença —, se lançou em uma execução técnica diferente, na competição comercial dos transportes aéreos.

Surgiu então novo bandeirismo, — o bandeirismo do ar, eliminando distâncias e escrevendo outros capítulos inéditos de Trabalho, nos quadros de nossa geografia econômica.

O Dr. Bento, — tratamento abreviado e afetivo que lhe dá a numerosa e dinâmica família de sua poderosas empresas —, como que possui certo instinto vocacional da penetração do hinterland.

Essa, a formação do "promotor", na concepção britânica do termo.

Fernão Dias, os Camargo, Gabriel de Lara, Ébano Pereira e todos os vultos das entradas e bandeiras tinham também, na época, esse espírito desbravador.

Mais tarde, o Brasil contou com homens que se chamavam Buarque de Macedo, Paulo de Frontim e Lauro Müller na realização ferroviária.

Washington Luiz e Vitor Konder marcharam firmes para o rodoviarismo.

Para quem conhece o Brasil como a homogeneidade de um conjunto, sem brechas nem interstícios, as rotas aéreas são a maneira imediata e pioneirista de superar arquipélagos econômicos.

Foi o sonho de Salgado Filho e é a realização de Eduardo Gomes.

O Dr. Bento pertence a essa estirpe, na sua impávida coragem de realizar.

Se esse homem se dispusesse a ser candidato a alguma coisa, sua propaganda já estaria feita pelos céus do Brasil, nas asas da Cruzeiro do Sul.

Naquela noite, o "Convair" da TAC-CRUZEIRO DO SUL me transmitia a indescritível certeza de que penetrava no território diferente: tudo tão claro, visibilidade ótima e vento de pôpa.

Entre companheiros de viagem, uma caravana de universitários gaúchos, alegrando-nos com a riqueza e o colo-

rido do cançãoeiro folclórico dos pampas é com o compasso ritmado das "rancheiras".

Essa Companhia tem uma tradição muito simpática: não existe movimento cultural, intercâmbio universitário, viagens de estudos, excursões esportivas, com as quais não se solidarize sempre através de possíveis concessões.

Perfeito tudo, no CONVAIR, durante a viagem: — a aeronave, a tripulação, o tempo, a aeromoça, o tratamento e o cavalheirismo do Comandante, as vezes em, que deixando a cabine de comando, vinha ter, para todos, um pequenino trecho de palestra amável.

Isso é o "CONVAIR" da TAC-CRUZEIRO DO SUL, em cujas viagens noturnas parece que a gente, se pudesse esticar o braço para fora, traria mancheia de estrelas, para derramar, como um brinde do céu, sobre as cabeças de Otilia, de Ingrid, de Maíalda, de Maria Tereza, as lindas universitárias do Rio Grande do Sul, inesquecíveis companheiras de viagem, vocês receberam meus cartões-postais, enviados para a Faculdade de Filosofia? —, portadoras de uma mensagem de inteligência e de fé, dirigida ao mundo universitário do resto do Brasil.

— 0 —

EXPOSIÇÃO INTINERANTE



A foto acima, cclhida na loja VILA RICA, em Copacabana, da catarinense Ruth Laus, mostra parte dos escritores e homens de letras presentes à inauguração, no Rio de Janeiro, da Exposição Intinerante, organizada por Antônio Augusto Nóbrega Fontes com a colaboração da Diretoria de Cultura do Estado.

Em pé Marcos Konder Reis, sentados Arnaldo Brandão, Maura de Senna Pereira, Ruth Laus, Othon d'Eça e Lausimar Laus.

Como é triste o inverno nestes dias
de névoas lentas e sombrias!
a luz é pardacenta,
fumarenta,
e cheia
da melancolia enervante, sonolenta,
que o dia monótono semeia!

Imóveis, espetrais, as árvores vazias,
transidas de solidão,
dentro das neblinas frias,
erradias,
crescem, e assemelham-se,
a garatujas feitas a carvão.

As côres esmaecem, se apagando,
nesses tons de camurças esgarçadas,
Que descendo do céu e caminhando,
deixam manchas de sombras pelo chão.

Como é triste o inverno nestes dias
de névoas lentas e sombrias!
Uma aragem gelada que trespassa,
como pontas finas de punhais,
condensa vapores nas vidraças,
gelando as gotas d'água nos beirais!

E a paisagem friorenta,
cismarenta,
esbatida entre a gaze fumacenta,
que a deforma, adelgaça e a esfarela,
parece,
uns debuxos manchados em flanela.

Uma estranha saudade me adormece,
ao calor amoroso do braseiro,
onde uma chama trêmula, desmaia.
E sonho a dança verde das ondas sob o sol,
que transforma as espumas num chuveiro
de aljofares e rendas, pelas praias!

E revejo as manhãs de castasol,
quando os montes no mar são mais azuis,
e os cantos clarinantes, cristalinos,
das cigarras, dos pássaros, dos sinos,
parecem a vibração da própria luz!

Como é triste o inverno nas montanhas,
com êsses céus de chumbo! E as talargar-
ças

das brumas lentas e estranhas!
E as cordoveias d'águas, como açoites,
batendo nas paredes, nas vidraças,
e arfando,
latejando,
dentro da solidão negra das noites!
E a neve a bailar como sombras em bando,
e o minuano dolorosamente,
desesperadamente,
pelas frinchas, pelas árvores, guaiando,
guaiando!

Campos Novos — 1926

POEMA DE UMA ELEGIA

Di Soares

Homens

jornais

sangue

e poesia

Meninos empinando pandorgas

debaixo da tarde...

A rua subindo,

ônibus descendo

um rádio tocando

uma máquina brocando

e a tarde sumindo.

Mulheres bebendo

colegiais soluçando

atrizes nas ruas

e pescadores morrendo...

.....

Judithe distante

Eulália no hospital

Margarida na França

e a tarde está sumindo, sumindo, su-
mindo...

XV CANÇÕES OBSCURAS

Existem jogos de luzes,
lagos,
lagoas e peixes vermelhos
junto aos pescadores marfim.

II

Mares e ferros ferindo mares,
vendavais,
montanhas de gelo atravessando teu pensamento.
Cruzes enfiadas em baleias tristes.
Facas de marinheiros andaluzes
(inspirações fracas, matemáticas, frias).

III

Devagar o esquilo repete o salto anterior,
bailarinos riem,
borboletas correm,
e hospitais solenes fabricam romances.

IV

Túmulos crescem,
e as flôres nascem nos lugares onde o som parou.

V

Obscuridades contornam morros,
e as fadas tornam-se mulheres de olhos grandes.

VI

Espanhóis bailarinos dançam nos ares,
e mulheres cantam paixão.
Madalena antiga entorna na mesa sagrada,
o vinho,
o sangue
e as impurezas.

VII

Balsas navegam sòzinhas
distante dos olhares perdidos.

VIII

A voz perdida do desencontro,
morreu na floresta,
as ervas cobrem sua boca
e a terra seus ombros.

IX

Orquestras de peixes-voadores proclamam liberdade,
o ar vibra,
e o teu braço inerte nada diz de tudo isto.

X

Uma tristeza cega chegou até mim,
falou baixo
e beijou-me como filho.

XI

Grácil policromia de palavras claras,
traços e amores
no reflexo das ondas.

XII

822 cisnes passaram entre 2 barcos antigos
e as folhagens agitaram-se.

XIII

Mentira,
não quebrei vasos azuis,
nem destruí bonecos.
e se o sol é meu amigo
e eu moro numa pandorga,
a vida se agita ainda.

XIV

Escrever no mar
um círculo de estrêlas,
navegar em jangadas
conduzidas por mãos mortas.

XV

Ontem eu escrevia uma carta que iniciava por "querida ..."

Pedro de Garcia

Fpolis., 3/9/53.

Noticiário

EXPOSIÇÃO INTINERANTE

Depois de percorrer diversas cidades do interior do Estado, dia 9 de setembro, no M. A. M. foi inaugurada a Exposição intinerante de Desenhos e Gravuras, sob o patrocínio da Diretoria de Cultura do Estado e auspiciada pelo Centro Catarinense do Rio, na pessoa de seu diretor de propaganda, Sr. Antônio Augusto Nóbrega Fontes. Foram expositores na Intinerante os seguintes artistas: Fayga Ostrower, Steiner, J. Brandão, Moacyr Figueiredo, Antônio Farias, Portinari, Burle Marx, Vera Tormenta, Athos Bulcão, Carlos Oswald, Pedro Paulo Vicchiatti, Hugo Mund Jr., Tércio da Gama, Hiedy Assis de Corrêa e Meyer Filho.

Antônio Augusto Nóbrega Fontes conseguiu trazer a Santa Catarina, na Exposição intinerante, nomes já consagrados na arte plástica nacional, além de outros grandes artistas catarinenses, de projeção no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A respeito da iniciativa desta Exposição, Fayga Ostrower, que obteve o Grande Prêmio de Gravura na XXIX Bienal de Veneza, assim expressou — "Santa Catarina está dando um grande passo de vanguarda que um dia será imitado pelos demais Estados".

A referida Exposição Intinerante percorreu as cidades de Itajaí, Lajes, Joinville, Tijucas e Florianópolis.

—xx—

"FEL DA TERRA" de Lausimar Laus

Bastante interessante é o último livro de nossa conterrânea Lausimar Laus. Contos, o gênero atualmente mais explorado e mais difícil talvez. A autora reuniu em um volume cerca de meia dúzia deles, todos bem imaginados e perfeitos na construção.

De todos os contos enfeixados em FEL DA TERRA — "Responso" é o que mais agrada, dada a sutileza de seu enredo e o manancial folclórico que nele se encerra. "Obsessão" é um perfeito estudo da alma feminina, sempre tão cheia de ilusões e de recursos peculiares a ela. "Pé Espalhado", "Tia Vidinha" e "Natal na Noruega", descrição em que aparece muita neve e nomes escandinavos que dão um quê de estrangeiro à bela narração. Na minha opinião o conto que mais me

atraiu, dada a flexibilidade de seu vocabulário e a maneira espontânea e natural com que a autora se conduziu até o final foi "A Morte traz a Vida", em que Lausimar usou e abusou da técnica machadeana, bem como do estilo primoroso do nosso príncipe da literatura em suas histórias sempre tão reais.

Um tema corriqueiro talvez banal. Um caso com que nos confrontamos, diáritamente análogo ou em outras versões, porém escrito com maestria e sobretudo com uma naturalidade marcante, que nos chega a dar a impressão de que é a própria autora que nos está contando pessoalmente, com sua palavra e sua voz, onde se trai, de quando em quando, um delicioso sotaque itajaiense. Uma autêntica conversa com Lausimar.

Os demais, temas felizes. Uns alegres, outros tristonhos. FEL DA TERRA é um livro que marchará seguro e irá diretamente ao sucesso. Mais uma obra que consagrará definitivamente a catarinense Lausimar Laus.

—xx—

"PRIMEIRA MADRUGADA" DE C. RONALD SCHMIDT

Encontra-se em fase final de impressão o livro de poesias de Carlos Ronald Schmidt, pelas edições LITORAL. "Primeira Madrugada". Graças ao auxílio e à atenção que a Diretoria de Cultura do Estado, sob a direção do prof. George Agostinho da Silva, vem dando à Revista Litoral, o grupo poderá de agora em diante editar parte livros e cadernos de escritores catarinenses.

Desde há muito preocupava-nos a edição do livro de poesias do C. Ronald Schmidt, membro do LITORAL. Em reunião com o prof. Agostinho Silva alguns membros do grupo, depois de colocar aquele diretor a par de suas idéias, conseguiram obter da diretoria de Cultura a autorização necessária para editar, futuramente, novos trabalhos.

"PRIMEIRA MADRUGADA" é um livro seguro, realizado, e forte mostrando que Santa Catarina possui elementos de valor na vanguarda das belas letras. Poesias selecionadas pelo autor em média de 70 enfaixam um volume que colocará Florianópolis entre as cidades que possuem poetas dos mais vigorosos.

"Litoral" estuda as possibilidades de editar após PRIMEIRA MADRUGADA um caderno de "Artes Plásticas" contendo gravuras e desenhos do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis e dos demais artistas catarinenses.



Três filosofias, três correntes determinam, hoje, em Paris, o que lá se pensa atualmente, escreve John I. Brown, em bilhete via Nova York. "Marx — Jean-Paul Sartre, e — Cristo", os profetas, em ordem cronológica, da França contemporânea. Marxismo, Existencialismo e Cristianismo, diz, constituem as doutrinas básicas, de entendimento implícito, para quem pretende conhecer o que se pensa e se escreve na França de nossos dias.

O Marxismo, cita Brown, é a mais operante das três teorias; é hoje a única fórmula viva, em que sobrevivem o racionalismo e o materialismo. Vários sábios, dentre eles, Langevin e Joliot-Curie (laboratoristas) sabem-se reconhecidos, plenos, nos círculos comunistas. São ambos partidários de um materialismo científico; participam do comité pró-dicionário de "Renascimento francês", em que todo o saber é representado da "perspectiva científica". Defende a esse "comunismo estético" o "Lettres Françaises", enquanto que o "Action" é mais positivo, mais concreto: tem o marxismo como preparação à revolução. Escrevendo bem, golpeando melhor ainda, opera verdadeiras cruzadas contra a Igreja, contra "os granfos da alta" e o "imperialismo anglo-estadunidense".

O marxista, acrescenta Brown, acredita na evolução; é otimista. O existencialista, por sua vez, contempla a sua circunjunção com olhares enviezados; nada encontra de otimista; vê apenas irracionalidade, angústia e desesperada desordem, o caos. Aos ataques responde o existencialista ser mais útil e proveitoso "saber" sobre o homem que sobre a natureza". É anti-naturalista e anti-materialista. Ambos, entre.

tanto, marxista e existencialista, dão-se as mãos a certa altura do caminho: são, ambos, ateístas incondicionais. Ateístas até às derradeiras consequências; levam a sério a sentença: "Deus morreu". Apesar desse agnosticismo, o existencialista desfila ao lado do cristão, ombro a ombro, na reivindicação da "liberdade" do indivíduo. Essa liberdade já não interessa ao comunista. Sartre diz que "existir é mais que ser", e Pascal (cujo "Pensées", século XVII, se pacifica com o existencialismo moderno) disse: o coração tem motivos que a razão desconhece..."

Os livros filosóficos de Sartre, de entendimento penoso, são, como o foram os de Kant, pouco lidos. A influência de Sartre se atribui às suas obras de literatura. O próprio Existencialismo (nos escreve Brown) é antes um movimento literário que filosófico.

Os cristãos, êstes, vêem-se duramente ameaçados: tanto pela violência dos comunistas (que vivem seu credo próprio), como pelo ateísmo cristalino dos existencialistas em que pesa o desespero dêstes.

Os pensadores e representantes cristãos na França, aconselha-se, devem descobrir uma fórmula conciliatória entre ambas as teorias opostas, em ambas as direções, discordantes que são entre si mesmas. Dentre êsses ensaiadores citam-se Léon Bloy, Karl Barth e Georges Nernanos. Não escondem, entretanto, os cristãos, a premência de fórmulas novas, modernas, à doutrina cristã. Jacques Maritain, aban-

donando a filosofia pura, ocupara-se com problemas atuais, atualizados. O cristianismo social, procuram desenvolvê-lo várias correntes, em que serve a revista de Mounier, "Esprit", órgão do "personalismo", onde colaboram várias figuras de relêvo, de diferentes credos e confissões religiosas. É o "humanismo cristão", e tem o seu complemento na apreciação "vertical", para o eterno, e, no "horizontal", para com o drama individual, tal qual o entendem, em geometria exposta, os "existencialistas cristãos". A revista da doutrinação e combate é a "Dieu Vivant" (Deus vivo). Léon Bloy lidera os católicos; Karl Barth os protestantes, e ambos, juntos, veneram a Tríade sagrada da filosofia existencialista: Kierkegaard, Nietzsche e Dostoiewsky.

A filosofia existencialista, diz Brown em seu bilhete, iluminou, com clareza desnudante, a desorganização mundial. Mas, caindo, destruiu, e, na queda, foi causa de importante acontecimento. Resta aguardar-se se o existencialismo é capaz, também, de construir...

Aceitar e tomar a si o destino de um Sísifo, e viver, simultaneamente, com tanta heroicidade e tanta desesperança quando prega o próprio Sartre, — eis uma tarefa que não cabe nos ombros de qualquer mortal.

Tal qual o estoicismo na antiguidade, tem-se o existencialismo ateísta, como a filosofia de uma intelectualidade minoritária.

DESTINO CARLYLEANO



O ilustre e saudoso Cônsul Carlos Renaux, o grande realizador de Brusque, em uma de suas últimas fotografias

A austeridade da fé, nas vocações de liderança, define, entre os ensaístas e filósofos ingleses do século XIX, a grande obra "HERÓIS", de Carlyle. A origem escocesa do grande crítico, ensaísta, filósofo e pensador da fulgente era vitoriana impregnou sua obra do tonus de simplicidade, combatendo os males sociais, na indestrutível perenidade de seu estilo. A exaltação dos homens, realmente marcantes, na nobre estrutura carlyleana, se expandiu, na análise crítica, aos variados campos da atividade humana. Criava-se verdadeiro socialismo da inteligência, refletido na trajetória das atividades, na diversidade e multiplicidade de aspectos, em oposição, tempos a dentro, à crueldade crítica de John Ruskin.

Na evolução econômica e social do meridional brasileiro, encontramos idênticas características de rigorosa formação carlyleana, espalhada na formação riograndense, do Dr. João Daniel Hillebrand e de Her-

mann von Salisch, na ação de Miguel Miller, no Paraná, e dos Drs. Herman Blumenau e Fritz Müller e de Carlos Renaux, em Santa Catarina.

Jovem imigrante, transbordante de idéias, diante da nova pátria, Carlos Renaux veio para o Brasil, em 1882, já graduado pelo Ginásio de Loerrach e com apreciável prática bancária, adquirida no Kreishypotheken Bank da mesma cidade do Grão-Ducado de Baden, sua terra natal.

Abriam-se às colonizações germânicas as possibilidades da Província de Santa Catarina e o moço Renaux, com vinte anos apenas, enfrentou as altas responsabilidades de gerência da firma Germano Willerding, em Brusque.

Identificando-se às vicissitudes da vida no novo mundo, possuindo cultura muito superior ao nível ambiente, estava reservada a esse rapaz infatigável e com rara e singular capacidade de luta os mais belos destinos na comuna que fizera sua.

Possuidor de raríssimo espírito público, homem profundamente objetivo e dinâmico, seduziu-o a política, como meio de bem servir à coletividade à qual se radicára, ocupando os mais elevados cargos públicos, como Superintendente Municipal e Presidente do respectivo Conselho. Estava, pois, traçada a luminosidade de um destino nos quadros trepidantes do sul brasileiro.

Proclamada a República, e convocada a primeira constituinte esta-

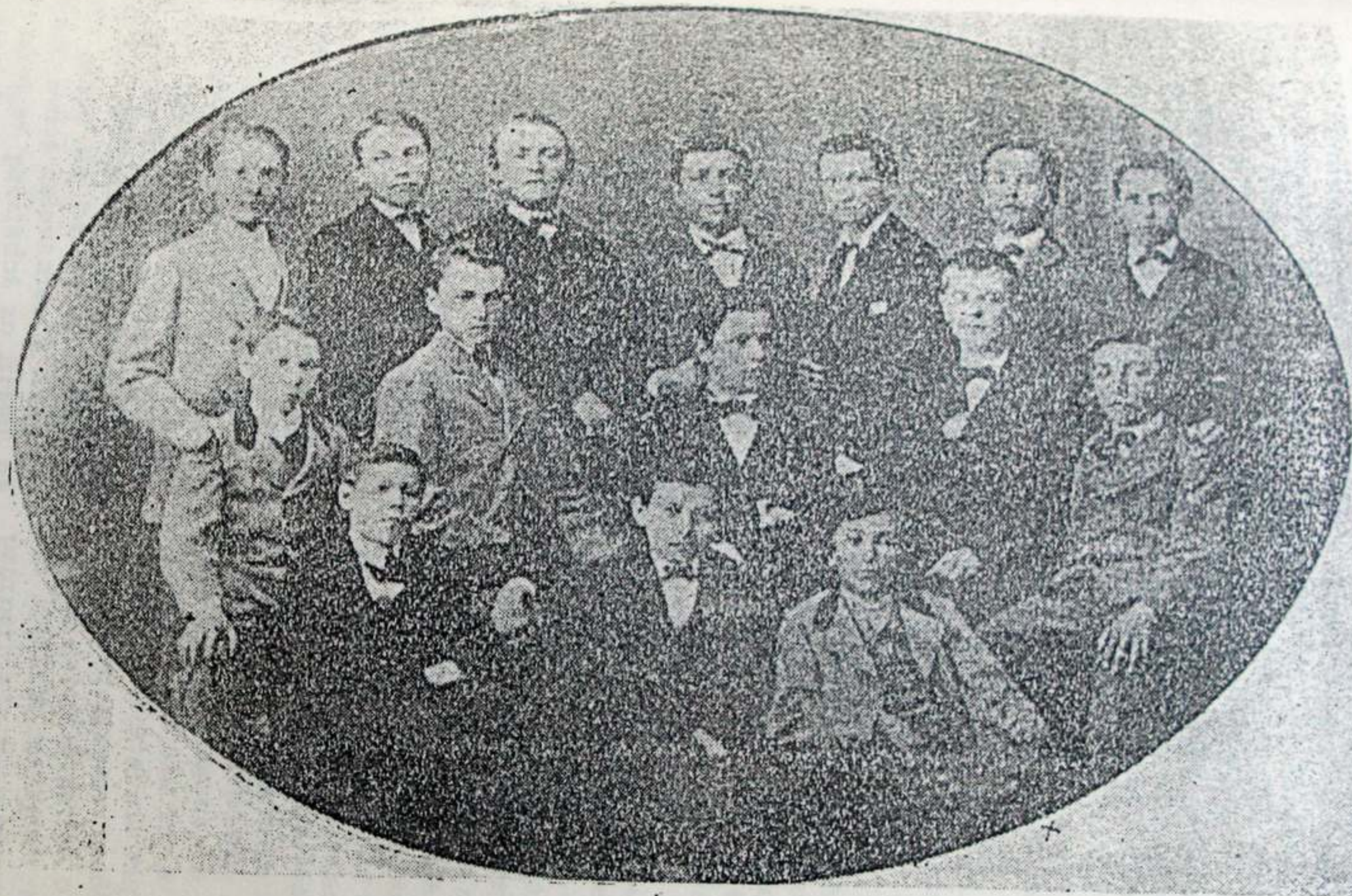
dual, o eleitorado de Brusque escolheu a Carlos Renaux como seu representante, honrando com sua assinatura a nova Carta Política, na sessão solene e histórica de 11 de junho de 1891.

Sua singular atividade, sua concepção de novos métodos e trabalho, seu superior conceito de harmonia, entre as forças do Trabalho e do Capital, na composição geral dos quadros da Produção, fizeram de Carlos Renaux o líder natural e incontestado de nossas classes econômicas.

Importando quarenta teares da Inglaterra, lançou, em 11 de março de 1892, em nome individual, a firma que se transformaria, ainda em sua vida, nesse admirável modelo de ordem e de ação construtiva, que é, nos dias atuais, a poderosa organização industrial Carlos Renaux S. A.

Assumiu, ao alvorecer do século, o sereno e inquebrantável pioneiro da indústria de tecelagem, em Santa Catarina, fundando, em nossa terra, à qual tanto amou, o primeiro estabelecimento de fiação.

Com dois anos, apenas de Brasil, e vinte e dois de idade, em 1884, Carlos foi buscar, entre os altdeutschen de Blumenau, sua primeira e dedicadíssima esposa, a encantadora moça Selma Wagner, filha de Peter Wagner, um dos mais autênticos pioneiros do ciclo de formação econômica do Vale do Itajaí, e de sua esposa D. Frederica Metzner, e quatro anos mais jovem do que ele.



O jovem Carlos Renaux (o primeiro da direita para a esquerda, no primeiro plano), entre seus colegas de turma do Ginásio de Loerrach, na Alemanha, por ocasião do término do Curso Secundário, em 18 de julho de 1877.

Encontramos, na lista dos primeiros imigrantes localizados na Colônia, emigrados da Alemanha em 1828, Georg Wagner e seu filho Peter.

De tão feliz união, com uma criação compreensiva, boa e bela, deu o casal Renaux onze filhos à nova pátria, homens que, pelo trabalho e pelo sentido social da riqueza, souberam prosseguir, sob as bênçãos de Deus, o grande e magnífico exemplo paterno.

Mas a fatalidade da morte haveria de rondar o lar amável dêsse extraordinário lutador, que foi Carlos Renaux, que, com raízes em Baden-Baden, saberia formar, no ciclo evolutivo da afirmação brasileira, uma estirpe, que tantos e tão assinalados serviços soube prestar à coletividade. Homem de vida morigerada e sem vícios, enviuvando muito moço ainda, o grande capitão-de-indústria, já então prestigiada potência econômica em Santa Catarina, recebeu por esposa, em segundas núpcias, D. Johanna Maria Schoenenbeck, grande dama, desaparecida na Europa menos de dez anos após.

Construindo, com inteligência e operosidade, o admirável parque industrial de Brusque, possuindo largos bens de fortuna, amealhados pela diuturnidade do trabalho, desconhecedor de hesitações e de canseiras, o industrial Carlos Renaux retornou à Europa, após a primeira Grande Guerra mundial, por volta de 1920, estabelecendo ciclo na cidade holandesa de Arnheim, onde passou pelo rude golpe de perder sua segunda esposa. Pelos relevantes e assinalados serviços, prestados ao Brasil, na composição econômica de nosso Estado, o governo Epitácio Pessoa, sendo Ministro das Relações Exteriores o Professor Azevedo Marques, catedrático da Faculdade de Direito de São Paulo, nomeou-o cônsul de nosso país em Arnheim, onde passou dois anos.

Regressando ao ducado natal de Baden-Baden, o nosso governo lhe atribuiu ali funções consulares, desempenhadas com muito brilho, dignidade e profundo amor à pátria adotiva, e onde conheceu e desposou sua belíssima terceira esposa, D. Maria Luiza Auguste Linhaerts.

Apesar do cargo exercido, de muita importância, em face do volume de nossa balança de comércio exterior com a Alemanha, o ilustre Cônsul Carlos Renaux, já com a cabeça tomada pela alvinitência do linho, começou a sentir a nostalgia do seu Brasil tão distante e tão querido e ao qual o ligavam as mais gratas recordações de mocidade e uma vida intensa de pioneirismo, realizado na expressão política, financeira, industrial e comercial de sua querida cidade de Brusque.

Afivelou as malas e voltou à sua cidade inesquecida, reassumindo a direção de seu parque industrial, no setor de fiação e tecelagem, da qual só se saiu em 1939, para se retirar à confortável mansão da Vila Goucky, nome que lhe fazia recordar sua última vigilante companheira.

A 28 de janeiro de 1945, cercado de descendentes, o grande realizador, que foi o Cônsul Carlos Renaux, era chamado para junto de Deus.

Em personalidade tão rica de substância humana, o prisma que mais nos seduziu foi a sua superior concepção social da riqueza. Indiferente a quaisquer medidas compulsórias, nascidas de lei, o Cônsul Carlos Renaux conseguiu alicerçar sua prosperidade no moderno sentido da dignificação e da valorização do trabalho humano.

O ingresso do mais modesto aprendiz nos territórios de suas indústrias representou sempre, — tradição mantida pelos seus continuadores —, o início de uma carreira de prosperidade.

Apontam-se, na região em que viveu, inúmeras fortunas, feitas sob o seu amparo.

O seu conceito de patronato se cingiu sempre, nas mais duras e incertas vicissitudes por que passou, durante sua longa existência dedicada ao trabalho, no prestígio de seus cooperadores, que encontravam, na figura tutelar do Cônsul, nas horas adversas e sombrias, não o chefe a lhes impor tarefas irrealizáveis, mas o dedicado e incomparável amigo dos momentos difíceis.

Ele possuía, sem dúvida, o heroísmo carlyleano dos grandes realizadores.

Dedicou-se a um ideal industrial, que o favoreceu com bens de fortuna, espelhando-se, todavia, nos gráficos do nosso desenvolvimento econômico.

Ele foi o filantropo por excelência e, na derradeira fase de existência, a 9 de outubro de 1935, lançou, em Brusque, a Sociedade Beneficente Carlos Renaux, fundação modelar, no amparo à viuvez e à doença; no estímulo ao estudo e à inteligência, criando um prêmio anual, na nossa Faculdade de Direito, para o melhor aluno de Direito do Trabalho e Legislação Social e nas subvenções substanciais a instituições de arte, obras pias e ao aprimoramento esportivo da juventude brasileira.

A vida do Consul Carlos Renaux se manifestou, mesmo depois de sua morte, na exuberância emctiva, com que sabia encarar os desníveis sociais, sem que, para tanto, o compelissem regulamentos e portarias do Ministério do Trabalho.

Desconhece-se, em terras de Santa Catarina, homem de fortuna da estatura do inesquecível morto, que tão superiormente se preocupasse

com o dia de amanhã de seus servidores e auxiliares, menos favorecidos pelos bens materiais.

Ele soube viver, na sua comovedora grandeza, o alto e generoso ideal da solidariedade humana, avêssio, por índole e por formação, ao exibicionismo publicitário ao farisaísmo dos que apregoam favores e benefícios.

A memória de Carlos Renaux, — homem que soube amar aos moços —, deverá ser conservada como um fanal, no seio da juventude brasileira, porque, em um mundo desvairado pela brutalidade desfibradora do Materialismo, êsse espiritualista de nobre linhagem, — senhor de Bayard, "sans peur et sans reproche" —, transmitia o toque transfigurador de bondade e de compreensão humana aos problemas de seus semelhantes, onde pousassem seus olhos inteligentes e prescrutadores.

Se o Dr. Carlos de Araújo Brusque teve o seu nome perpetuado pela circunstância ocasional de haver, no govêrno da província de Santa Catarina, sancionando a lei de 18 de junho de 1860, que criou a colônia que os anos e o trabalho ingente de seus fundadores e descendentes haveriam de transformar em um dos modelares municípios brasileiros, a verdade histórica é que Brusque deve ao Cônsul Carlos Renaux tudo quanto exprime, representa e afirma. Araújo Brusque, por dever de função, após sua assinatura em uma Lei Provincial, mas Renaux viveu e sentiu o drama e as alegrias ambientes.

"LITORAL", publicação de mocidade, e de uma mocidade que conhece os rumos a que se traçou e para onde se dirige, lança um apêlo aos legisladores catarinenses: — o da mudança do nome de Brusque para Renauxburgo.

Casinha Branca

FERNANDO SOUTO MAIOR



Ilustração de HASSIS

Quando a noite desce o seu crepe triste sôbre a cidade, brilhando com luzes que parecem pequenas velas no cemitério dos mortos-vivos, quedo-me, com os olhos turvados por estranho brilho, a olhar aquela casinha branca, com o pensamento voando como avião à procura vã de um pouso seguro... À sua sombra busco abrigo

Casinha Branca

FERNANDO SOUTO MAIOR



Ilustração de HASSIS

Quando a noite desce o seu crepe triste sôbre a cidade, brilhando com luzes que parecem pequenas velas no cemitério dos mortos-vivos, quedo-me, com os olhos turvados por estranho brilho, a olhar aquela casinha branca, com o pensamento voando como avião à procura vã de um pouso seguro... À sua sombra busco abrigo

e, de repente, sua mudez se transforma em censura ante o olhar triste do intruso que parece querer perturbar aquêle mundo branquinho como as almas inocentes das crianças. A casinha branca me espia num misto de sorriso de desprezo, e tudo se torna estranho para mim, as vezes morreram cedendo lugar ao silêncio que me irrita e me desespera. Os postes da rua têm luzes que piscam para mim, como se estivessem rindo, ou cochicham uns com os outros, dizendo coisas que não entendo. Ao longe, vejo os letreiros luminosos, acendendo e apagando como as minhas esperanças, transformando-se em estrondosas gargalhadas, zombando do forasteiro que flutua como fantasma nos escombros da vida. No fim da rua, o Morro se parece, ora com uma Árvore de Natal, ora como se fôsse o mundo pelo qual aspiro, desafiando-me com a subida penosa que não tenho mais forças para galgá-la...

Bem perto da casinha branca, existe uma Avenida. Silenciosa como os mausoléus dos que se foram desta vida para a melhor, longa como os minutos de quem sofre, cheia de postes como obstáculos à minha caminhada, pontilhada de árvores que parecem inclinar-se à minha passagem, como se fechassem os olhos para não ver aquêle vulto introspectivo e indesejável, a Avenida tem um canal, parecido com uma armadilha para os que andam tropeçando contra sua própria sombra, caindo nas águas poluídas, naufragando em mar raso, com os pés enterrados na lama. Lama formada pelas águas que apodreceram, lama formada pelas esperanças que morrem... O silêncio e a poesia daquela linda casinha branca ficaram lá, distantes, vibrando o sono tranquilo dos que dormem em paz consigo mesmos, dormindo e rindo baixinho daquele que, há poucos instantes, olhava triste, com a névoa dos olhos que nunca brilharam, chorando amargurado como as almas nas águas revoltas do rio das almas perdidas, lutando em vão como as almas desesperadas no Morro das Ventos Uivantes... Tento fugir da minha sombra sem expressão, e tropeço nela como se fôsse o fardo pesado da vida que havia caído para me derrubar...

O vento e as businas dos carros que vêm ou vão para a farra, dão-me a sensação de que são vozes da cidade, enxotando-me para um lugar todo branquinho, onde a erva mansa e acariciante ondeará sobre a minha cabeça cansada pela falta de um ombro... Gente estranha e sorridente, falando e cantando, passa ao meu lado como se fôsse um exército esmagando o invasor de encontro às paredes, às árvores, aos postes, derrubando-o no canal da Avenida, e vejo um corpo boiando esqualido nas suas águas, como um ramo levado para lugares desconhecidos e ermos... Vejo, repentinamente, Luciana chorando insona e inquieta na ternura de seu berço, clamando em vão pela mamãe que foi embora, na Elegia de Mauro Mota, e clamo também por algo que dorme na linda casinha branca... Confundo-me comigo mesmo, olho para as estrélas que são lágrimas prateadas no lenço branco das nuvens, e pressinto aquilo que quando chegar ninguém compreenderá por que chegou tão cedo e tão violentamente. Luciana surge no meu pensamento, chorando sem fim, pedindo e reclamando a canção que ouvia outrora de sua mamãe, enquanto eu clamo pela canção que nunca ouvi...

Cansado da vida, cansado de mim mesmo, entro no meu apartamento com as forças se exaurindo, com o olhar turvado pelo estranho brilho quando miro a casinha branca, e tudo se torna estranho, e, fico suspenso como moléculas radioativas no ar ameaçando os que a circundam... Meus olhos tristes e sem brilho passam lentamente pela cama, pelo guarda roupa, pela mesinha onde a madrugada me surpreende escrevendo e fumando, vendo a cinza cair com as minhas esperanças no cinzeiro da vida, pelos livros, os amigos mudos que não me traem e me consolam, e velo Raul Pompéia se suicidando com um tiro no coração, Twist fugindo das chibatadas desumanas do velho asiático britânico, Rafael chorando a promoção frustrada da Estação de Ferro, o velho "portuga" massacrando a vida do pobre Graça, lembro-me de Freud. Meu cachorrinho preto vem pulando para os meus braços. Parece que quer conversar comigo. Será que está desejando minha felicidade? Luciana, na inocência de seu berço, continua chorando. Estou empenhado na derradeira batalha, como aquela que derrotou Pompéia. Olho o mar. Vejo cadáveres. Sim, são os cadáveres das esperanças que deixei naquela linda e acolhedora casinha branca...

Um Escultor

COM OS MAIS RUDIMENTARES PROCESSOS,
FRANKLIN CASCAES TRANSPORTA À ES-
CULTURA TRABALHOS PERFEITOS E
ORIGINAIS



Franklin Cascaes, o talentoso escultor catarinense, últimamente vem obtendo grande sucesso com sua maneira pessoal de reproduzir os fatos e lendas folclóricas de Santa Catarina. Finalmente o povo barriga-verde veio lhe dar as justas e merecidas homenagens, colocando-o em posição de destaque no setor de escultura em sua terra. Franklin Cascaes é um artista de grandes méritos e de raro valor artístico, seus trabalhos são originais e perfeitos, os longos braços, cabeças desproporcionais ao corpo e tantas outras características servem para valorizar seus trabalhos.

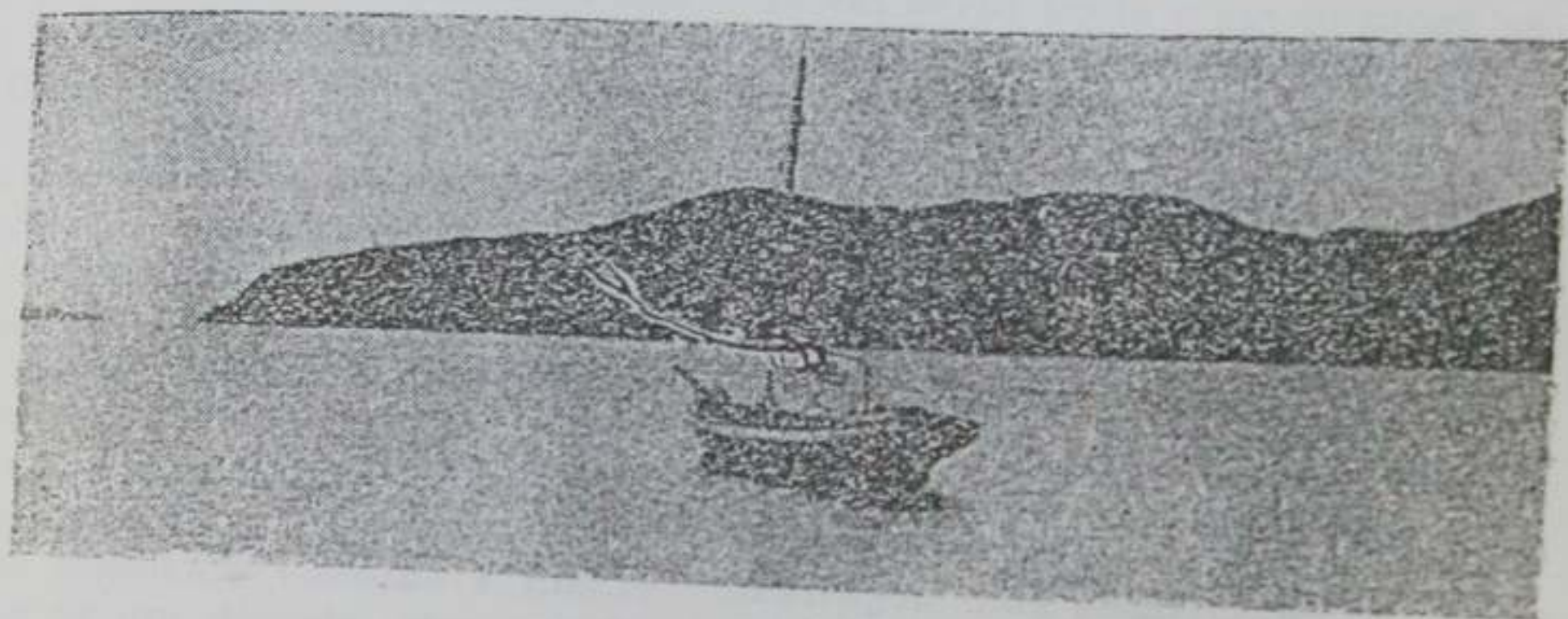
Franklin Cascaes, é um folclorista ativo e é um dos raros do Brasil que além de pesquisar no interior de Santa Catarina dados folclóricos, transporta tôdos os seus apontamentos em escultura. Tempos em tempos, o artista expõe em pequenas mostras os seus trabalhos. Ainda estamos bem lembrados de suas exposições onde apresentou: O Jôgo da Bicharada — Tôdos os tipos de Rêde — O Primeiro Avião Catarinense — Benzeduras — O Vendedor de Dôces — Rendeiras — Boi de Mamão — Carro de Boi — Cacumbi — Fiadeiras — Engenhos e tantos outros conjuntos de grande valor artístico e folclórico.





Cidade Esmeralda e suas Belezas Naturais

Nicolau Apóstolo



"Florianópolis cidade esmeralda também denominada cidade hospitaleira..."

Numa certa ilha brasileira, colonizada por Velho Monteiro, em meados do século XV, está situada a Capital do Estado de Santa Catarina.

A maior parte do Município de Florianópolis, acha-se enclavado na ilha, ficando o restante num pedaço do continente. Seu nome é uma homenagem ao "Marechal de Ferro", que em tempos passados ali conseguiu uma grande vitória durante seu governo federal. Foi durante este tempo, que reinou uma série de tumultos na Capital Barriga-Verde e

que passou de Destêro a Fpolis, em 1º de outubro de 1894, na gestão do governador Dr. Hercílio Pedro da Luz.

Região pitoresca pela sua posição geográfica e seus encantos naturais. As praias são como pedras preciosas que cercam a ilha com muita originalidade, dando um cunho de incomparável beleza.

Seus recortes marítimos formam uma moldura, entrecortada pelo solo árido e pedregoso das encostas. As areias que se estendem ao redor das águas marítimas, transmitem aos ve-

ranistas umas delícias inigualáveis. São para as praias que corre a população, fugindo ao calor, ou para gozar os sabores de um fim-de-semana com a natureza.

Num perímetro de 170 km desenrolam-se dezenas de praias cada qual mais afamada por suas características e suas singularidades.

Nos seus recantos bizarros a ilha aloja as baías Norte e Sul. Duas belas lagoas (a Lagoa da Conceição e a do Peri) adornam o interior da ilha, como se fôsem dois grandes espelhos cristalinos a refletirem para o céu azul e para o mundo os caprichos d'uma natureza. Com a construção do Dunas Hotel temos sem dúvida um grande afluxo de turistas.

Ao se aproximar dos cômoros de areia movediças existentes, na Lagoa, ao viandante vem-lhe a mente a visão de um deserto sem vegetação e imagina o terrível pandemônio que se arma numa forte ventania.

Em raros lugares do Brasil o nascer do sol se pode equiparar com as magníficas alvoradas naquele recanto tão aquinhoado de belezas físicas que é a Lagoa da Conceição.

Enumeremos as praias conhecidas da região Sul: Praia do Campeche, Praia da Armação, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul, pondo-se em destaque esta última pela côr escura da areia de sua praia. A praia da Armação tem à sua frente uma ilha como se a estivesse contemplando. A Praia do Ribeirão da Ilha, situada numa entrada é também muito apreciada pelos veranistas. A do Campeche conhecidíssima pela sua arrebenção, tem um cenário de fundo, dos mais belos quadros naturais.

Mais ao sul, onde a estrada rodoviária termina, encontramos um sem par de maravilhas. Além do Ribeirão da Ilha, a Costeira do Ribeirão, uma praia tranqüila, mas já descoberta pelos veranistas. Navegando ao sul

encontramos a praia da Tapera, verdadeiro burgo colonial. Os pescadores ali formaram uma Vila especial e independente do mundo moderno. Ao sul, encontramos, ainda, a Praia da Caieira, com muita coisa de novo e de diferente. Uma fenda na rocha, forma uma gruta onde foram moldados vários Santos e a Sagrada Família em barro preto e em pequena estatura. As imagens são diferentes e interessantes. O cenário amarelo contrapõe-se ao preto das imagens, dá ao espectador uma idéia dos produtos dos escravos fugitivos na ilha.

Há locais, que o turista ainda não descobriu, como por exemplo a Barra do Sul. A Praia dos Naufragados, pela sua sutileza e simpatia, dá ao viajante algo de espetacular. Todos os pescadores afirmam que ali naufragou uma embarcação cheia de ouro. Mito apenas! No cume de uma colina encontramos um grande farol, alertando as embarcações, à proximidade de terra. Ainda no cume desta colina vive uma guarnição do 5º Distrito Naval, vigiando constantemente com seus cinco possantes canhões a Ilha de S. Catarina, tão bonita e atrativa. Numa ilhota frente da entrada sul da barra, depara-se com uma fortaleza, antiga e abandonada. Uma miscelânea de belezas num só local.

Na parte norte da encantadora Ilha desenrolam-se as Praias dos Ingêses do Rio Vermelho e das Aranhas. Região piscosa, sendo a pesca a principal atividade dos seus habitantes. A lendária Praia de Canasvieiras é, sem dúvida, o ponto mais apreciado e procurado. Seu hotel Balneário permite aos veranistas uma estada prolongada, tornando-se assim uma boa estação de repouso. A praia de Canasvieira é enorme e sua areia limpa, sendo, segundo a opinião de muitos, a melhor do Sul do Brasil. É uma praia ligada à história da colonização de Santa Catarina.

A Praia do Forte, descoberta pela Imobiliária Jurerê e projetada pelo arquiteto Niemeyer vem atualmente desenvolvendo grande progresso. Sua churrascaria e fortim formam uma atração constante aos banhistas. Ainda ao Norte encontramos, no Distrito de Santo Antônio, a Praia de Sambauqui e de Cacupé.

Falemos agora das praias mais próximas da cidade: a Praia de Fora, a Praia de São Luiz e a do Müller; a do Balneário, a do Matadouro tôdas na Baía Norte.

Na Baía Sul acha-se localizada a conhecidíssima e bem freqüentada Praia da Saudades ou Praia Clube, com grande facilidade de condução. Um pouco mais ao sul, a do Meio, com suas casas de repouso quase tôdas de alvenaria, construídas para o veraneio de seus proprietários.

A Praia de Itaguaçu destaca-se pela originalidade de seus aspectos. Suas grandiosas pedras despertam uma curiosidade geral aos visitantes. Adiante uma bela praia estende-se numa entrada da Baía Sul, a Praia

do Rom Abrigo, em que fica situado o bairro do mesmo nome. Tudo indica que num futuro próximo será a zona balneária mais moderna e mais progressista, pelo escrúpulo de seus moradores e freqüentadores, na seleção dos habitantes e na construção aprimorada de suas casas.

A Municipalidade de Florianópolis, na atual gestão do Dr. Osmar Cunha, tem se empenhado ao máximo, asphaltando as estradas, melhorando as vias de locomoção ao interior da Ilha, a fim de que Florianópolis seja "A cidade Turismo" do sul do Brasil.

A natureza prodigiosa lançou sua mão divina neste pedaço de terra cercado de praias por todos os lados. E daqui saudamos o grande marinista catarinense Virgílio Várzea, que soube compreender as nossas riquezas naturais.

xxx

E como disse alguém muito nosso: A Ilha de Santa Catarina é a Ilha dos casos e ocasos raros, e não há quem o deixe de afirmar.





ENTREVISTANDO LUPÉRCIO LOPES

Qual o fato histórico de que eu participei, mais antigo? Quando proclamaram a República eu era um moço. Estava com 15 anos de idade e era funcionário público estadual ganhando 16.666 mil reis, quantia

que nunca mais me esqueci. Lembre-me ainda que o primeiro pagamento que o Tesouro da Província me fez foi por intermédio do seu escrivão Gustavo Adolpho da Silveira atualmente aposentado pas-

sando pela sua velhice. O movimento na Palhoça era pouco, e o povo encontrava-se amedrontado diante dos boatos que surgiam. Estava eu numa roda de rapazes jogando pião, quando chegaram alguns colonos que voltavam da Capital do Destêro para a Palhoça e aí chegando êles foram dizendo que tinham amarrado D. Pedro II e deportado; que o General Deodoro da Fonseca a frente de tôdas as fôrças Armadas tinha proclamado, no Largo de Sant'Ana, a República naquele dia. A notícia do golpe no Rio chegou até Santa Catarina no mesmo dia de

tardinha. Dizia o colono ainda que vinha para o Destêro um navio a fim de recrutar os rapazes para levá-les ao Exército, (nos chamávamos de "recoluta"), o que fêz a rapaziada que jogava pião despreocupadamente correr para suas casas. Houve pânico e algumas notícias de terror.

Assim começa o historiador José Lupércio Lopes esta entrevista. Nasceu na Palhoça em 6 de dezembro de 1873. Foi professor no Alto Aririú em 1895, depois da Palhoça em 1895. Com a elevação de Palhoça à Comarca foi nomeado o seu primeiro promotor público. Mais



Ladeando o historiador José Lupércio Lopes quando concedia esta entrevista para a REVISTA LITORAL, vemos Nicolau Apóstolo (esquerda e Paschoal Apóstolo (direita)

tarde solicitou exoneração sendo então nomeado Inspetor Escolar com jurisdição em todo o Estado. Foi escrevente da Inspetoria do Serviço de Povoamento. Foi Contador da Delegacia Fiscal. Ocupou o cargo de Delegado Fiscal em Santa Catarina diversas vezes. Faz parte do Instituto Histórico e Geográfico deste Estado. Labuta na imprensa desde o século passado. Participou como Presidente da Oitava Comissão no Primeiro Congresso de História Catarinense, e apresentou um trabalho sobre a Imprensa Catarinense referente aos tempos de monarquia até hoje.

"Cerca de um ano antes da Proclamação da República cogitou-se pela primeira vez a mudança do nome que soava mal e que tinha uma significação que não se assemelhava com a realidade" Assim começa o Major Lupércio Lopes a discorrer a respeito da mudança do nome de Destêro para Florianópolis" Interpretavam o nome de Destêro como soterrados e como sendo terra de degenerados. Surgiu então diversos nomes. Indicado pela "TRIBUNA POPULAR" o nome de Ondina, Bahia Dupla, ou Nossa Senhora da Bahia Dupla, de Boa Vista e de Ponta Alegre, o Visconde de Taunay opinou em sentido contrário apresentando o nome de Redenção. Quando estava com 19 anos, rompeu a Revolta da Armada com lamentáveis repercussões em Santa Catarina, da qual participei como Tenente Secretário do 2º Batalhão de Guardas Nacionais da Comarca de São José. Terminada a insurreição com a vitória do Governo, o Des. Germino Fermino Vidal Capistrano lançou a idéia de dar à Capital a denominação de Florianópolis em homenagem ao Marechal de Ferro, o que foi aceito e aprovado por unanimidade do Congresso. Esta lei, se não me engano passou a ser n. 111

de 1º de outubro de 1894, sendo governador o Dr. Hercílio Pedro da Luz. Alguns jornais que não eram simpáticos de Floriano Peixoto, por muito tempo, assinavam como "CAPITAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA", não reconhecendo o novo nome dado.

Quais foram os principais fatos ocorridos em Santa Catarina na entrada do atual século?

"A Revolução que abalou o Estado de Santa Catarina, chamando o povo às armas, criando-se batalhões de Guarda Nacional bem como a Polícia daquele tempo, mudou completamente o aspecto da cidade. São José foi convertida em Praça de Guerra quando organizaram dois batalhões completos da Guarda Nacional, um Esquadrão de Cavalaria e a Polícia assediada.

José Lupercio Lopes, o historiador de mais idade em Santa Catarina, é casado com D. Cecília da Rosa Lopes e reside atualmente em Florianópolis, continuando em lúcida memória e produzindo sempre novas colaborações históricas de Santa Catarina. Possui três livros prontos para a impressão: "A Vida Religiosa na Palhoça", dedicado ao Rvmo. Arcebispo Metropolitano, que enviou ao autor uma carta que equivale a um prefácio. Este livro, nas mãos do Secretário de Cultura, não conseguiu obter oportunidade de ser impresso; "Elementos para a Organização de uma Monografia Histórico-Geográfico do Município da Palhoça" a pedido do Ministério da Agricultura; "Lições sobre o Sistema Métrico Decimal" pronto à impressão desde 1949, sendo um livro pedagógico. Entre seus muitos livros publicados destacam-se o do "Município da Palhoça", editado em 1918; "São José — Palhoça" em 1926 sobre os atuais limites da Palhoça com São José e "Palhoça" em 1939.

Paschoal Apostolo

O que é o acôrdo Florestal

Em 16 de fevereiro de 1948, foi firmado o Acôrdo entre o Ministério da Agricultura e o Govêrno do Estado de Santa Catarina, para a execução de serviços públicos relativos ao florestamento, reflorestamento e proteção florestal. Muito embora não se tenham ainda dados concretos sôbre a situação florestal de Santa Catarina, pode-se, entretanto, dizer que a nossa situação não é desesperadora, mas, apesar disso, a derrubada irrefletida das nossas reservas de matas poderá extinguir nossa riqueza florestal em um prazo mais curto do que aquêle que suspeitamos. A Região Sul poderá ser completamente desflorestada em 26 anos. Como se vê, portanto, pelos objetivos propostos pelo acôrdo Florestal, o trabalho visa proteger as áreas florestais que ainda não foram atingidas pela devastação, florestar as áreas desnudas e promover o reflorestamento em grande escala das terras devastadas pela imprudência do homem.

Trabalha o Acôrdo Florestal com métodos de educação e de repressão, sendo este último tarefa incumbida à Polícia Florestal.

No setor de educação, através de publicações, palestras, conferências e mostras, de caráter popular, como recentemente realizou-se em Florianópolis a VIII Exposição Nacional Florestal, organizada pelo Acôrdo e sob os auspícios do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura. Aquela Exposição mostrou, de modo claro, preciso e convincente, os efeitos e danos causados à terra pela derrubada irracional das florestas, as queimadas, refletindo-se tudo isso no equilíbrio do meio, como, por exemplo, o desvio dos cursos dos rios, eliminação completa das fontes d'água, erosão do solo, com a conseqüente esterilidade da terra, etc. A floresta, é claro, foi feita para ser explorada, mas, é preciso dizer, não para ser destruída. O reflorestamento é um negócio rendoso e lucrativo. Quase tudo aquilo de que depende a nossa própria sobrevivência vem da floresta. Vejam: os móveis das nossas casas, papel, lápis, livros, camas, e tôda uma série de utensílios sem os quais a nossa vida se tornaria impossível. Quando se derruba uma árvore, é imperioso promover o plantio de outras, com o que estaremos assegurando a nossa vida.



Plantar árvores tornou-se, mais do que um trabalho patriótico, uma atividade altamente lucrativa. No último ano a Campanha Florestal plantou mais de 7 milhões de árvores, visando a formação de "florestas industriais" com 300 milhões de eucaliptos. Colabore Você também para o reflorestamento, plantando árvores e evitando as queimadas.

MACHADO DE ASSIS: 50 ANOS



Machado de Assis, devido ao cinquentenário de sua morte ocorrido dia 29 de setembro, tem sido o escritor mais lido e procurado em todas as livrarias do Brasil.

Santa Catarina, que vem de modo surpreendente aparecendo no cenário cultural e artístico do Brasil, também programou diversas homenagens reverenciando a memória do autor de "Dom Casmurro".

Sob a orientação do professor e poeta Anibal Nunes Pires e contra-regra de Rodi Hickel, no Teatro Alvaro de Carvalho, foi apresentada uma noite de arte, com o encenamento da peça, em um ato, "Não Consultes o Médico".

A Academia Catarinense de Letras associando-se às homenagens que foram prestadas ao mestre das letras brasileiras e um dos marcos de toda a língua portuguesa, no jornal "O Estado" organizou uma página com ilustrações, depoimentos e artigos relacionados a Machado de Assis.

O grupo Litoral, há vários meses, manifestara a sua vontade de preparar um Suplemento especial como homenagem ao cinquentenário da morte de Machado de Assis, mas fatores diversos não permitiram que se tornassem realidade esta homenagem.

HAVIA ESTRELAS NO CÉU

Conto de Francisco José Pereira

Mira-se no espelho. A combinação nova de seda aperta o corpo bonito: são umas pernas grossas e uns seios pontudos na moça de dezessete anos. Deixa as mãos correrem por sobre o corpo, sentir a cintura pequena, até caírem nas pernas compridas.

Pela janela aberta, o sol da tardinha vai saindo do quarto pequeno. Um ventinho agradável balança a cortina branca com rendas na barra, trazendo a voz do menino da vizinha. Vilma mira-se ainda, e o espelho reflete um olhar triste. Não admira o corpo de moça: Vilma pensa. Lá na loja o Hermínio desconfiara e ultimamente vinha olhando-a de maneira diferente. Ainda naquele dia passando por ele por trás do balcão estreito, pousara as mãos em sua cintura, apertando-a. Depois ele rira, um rizinho safado, e Vilma envergonhada. Até então não vira diferença nas colegas. Quando o patrão ao invés de repreendê-la, ficou de seu lado contra a freguesa impertinente, as colegas boquiabertas:

— Que sorte a tua!

Depois o patrão chamou-a à sala do escritório e tratou-a de maneira esquisita. Primeiro ficou olhando-a muito, com uns olhos que espantou Vilma. (Não devia ter levado aquela blusa vermelha que a mãe acha tão decotada). Depois segurou-a pelos braços, levemente, e foi falando baixinho, nervosamente, quase nos seus ouvidos. (Que ela ficasse em casa uns dias pois o incidente com a freguesa fora causado pelos seus nervos que não deviam andar bem. Que ela fôsse ao médico. Ele pagava, vejam!) Vilma sentia a boca do patrão arrastando-se nos seus cabelos, dentro do escritório fechado. Quis afastar-se mas temeu. Podia aborrecer o patrão e necessitando do emprêgo. Ele a segurava docemente.

Não ficou em casa.

Hermínio já desconfiava. As coleguinhas continuavam as mesmas (— Que sorte a tua). Mas as situações com o patrão se repetiam.

Seu Ricardo, homem de meia idade, casado, com dinheiro bastante para ter amantes, proprietário das Lojas Paulistas, continuava, insistia.

Não demorou muito aumentou-lhe o ordenado. Chamou-a ao escritório.

— Vais ganhar mais!

Naquela tarde quis beijá-la. O escritório abafado. Beijou-a no rosto.

— Seu Ricardo...

Seu Ricardo falou em mais dinheiro,

em casa montada no bairro distante, numa vida diferente, de conforto e sem trabalho.

Vilma chorou.

—o—

Logo ela foi parando mocinha e ficou gostando de Jorge. Gostando de verdade. Não fôsse a mãe dela (Pode-se ser pobre, filha, mas ter-se vergonha!) e já estaria morando com ele. Um casamento direito Jorge não podia. Trabalha numa oficina mecânica, um bom profissional, e ganha pouco, muito pouco, mal dá pra seu sustento. Mas com o que ela ganhava e mais o dele, bem que dava.

(Um dia ela quis acabar com tudo:

— Sabes, Jorge, preciso casar e tu...

Jorge espantado e Vilma com pena.

— Vou agora trabalhar na Praça de chofer. Só tou esperando. Dá mais Vilma. Aí, então...

Naquela noite beijou muito Jorge)

Vilma não lhe contara nada.

E prá que?

—o—

O sol já deixou o quarto. Vilma deixa o espelho. De cima da cama pega a saia rodada, tôda amarela com desenhos de borboletas brancas e vai vestindo-a por sobre a cabeça.

Na casinha a mãe prepara a janta, fritando uns ovos. Lá em cima Clarismundo já está de violão. Vai cantando, devagarinho, antes que a sorte aperte:

"Eu deitei pensando nela

Eu gostei dos beijos dela

E não sei se de outros beijos vou gostar!"

Dona Isaura vai entrando e que vizinha barulhenta.

Vilma vai até a janela, levanta a cortina que o quarto está ficando escuro. No terreno do lado o menino da vizinha ainda brinca. Ela veste aquela blusa vermelha que a mãe acha tão decotada, e se pendura à janela. Agora deu prá cismar. Daqui a pouco Jorge virá buscá-la (Passam tôdas as noites). Lá em baixo, na cidade, as luzes estão acesas. Da janela, na casa do morro, Vilma enche os olhos de paisagem. Cansa-se. Olha as casas no morro. Estão enfileiradas, lado a lado, a cada margem. São casas escuras, sem pinturas, feias. A dela, pequeninha, quase caíndo, foi herança que o pai deixou. No terreno da casa em frente, Olguinha vai recolhendo a roupa do varal. A quitanda está vazia, seu Zico cochilando. O filho de dona Rita, o que já trabalha, vem suado, suado, suado. São vidas tristes, sem esperanças e sem presente. Só vida de

Clarismundo é alegre enquanto a fôsse não vem. Vilma olha o terreno de sua casa. Um terreno preto, molhado constantemente pela agua do côcho. Um terreno que fede.

Na cozinha dona Isaura conversa. Os ovos, na frigideira, dançam na banha.

— Tem trabalhado muito, não? Essas roupas todos os dias cansam, não? E dá tão pouco, não? Não?

Dona Isaura aborrece com os seus não.

O terreno molhado onde brincava quando pequena. A mãe sempre ali olhando-a, acabando-se no cocho, lavando roupas pra fora. À noite, curvada sobre o ferro pesado, passando montes de roupas clarinhas. Há quanto tempo vem sendo isto? Vilma era pequena, já nem se lembra.

Da cozinha vem a conversa:

— Vilma trabalha e ajuda. Se eia ganhasse mais!

— Pois é, não?

— se não fôssem as roupas de fora, nem sei, nem sei!

Vilma é chorona, quando escuta a mãe falar assim. Clarismundo está alegre e o samba é outro. A melodia é bonita na noite quente. A voz vem cansada:

"A que te beija contente
Por certo já te enganou
Quem me traiu friamente
Foi a que mais me beijou."

Assim como vai não demorará muito. Vilma sabe. Seu Ricardo vem sendo insistente. Nos últimos dias até as colegas desconfiavam. Vilma chora baixinho. Se Jorge ganhasse mais e pudesse casar. E o patrão a quer inteirinha. Vilma também sabe.

A mãe chega até à porta do quarto. O avental nas mãos, limpando o suor no rosto: as rugas são fundas.

— Vem comer, filha!

A cozinha é sem fôrro e de telhas negras. As paredes sujas da fumaça preta.

— Tá mesmo u'a moça, não?

— Boa noite, dona Isaura!

Os olhos de Vilma estão vermelhos.

—o—

De mãos dadas vão descendo o morro. Os pés de Vilma vão dançando, pisando as pedras no chão. A saia rodada vai dançando, também. A noite é quente. Uma cigarra canta alegre, na árvore seca. Da janela a mãe espia-os e no rosto de rugas é alegria tamanha. No céu, sem nuvem alguma, a lua vai empinando.

Jorge vai alegre desta vida, falando e rindo:

-- Sabes, Vilma, começo amanhã a trabalhar na Praça!

E ri alto enquanto descem. Vilma vai calada. Jorge, como chofer, ganhará um pouco mais, mas não irá resolver. Seu Ricardo vai dentro da cabeça dela. Até quando resistirá? Precisa ajudar a mãe, sabe disso. Aquelas roupas e aquele ferro acabam matando-a. Quando Vilma era pequena prometeu para mãe uma cadeira de rodas, numa velhice tranqüila.

-- Que tens, Vilma?

Seu Ricardo tem dinheiro bastante para uma cadeira de rodas. Se Vilma pedisse ele daria. Daria mais. A mãe acabará morrendo no cocho, lavando, lavando. Vilma acabará pedindo.

Vão andando de mãos dadas. Jorge vai calado, também. Descem o morro escuro e vão por ruas escuras. Jorge estranha:

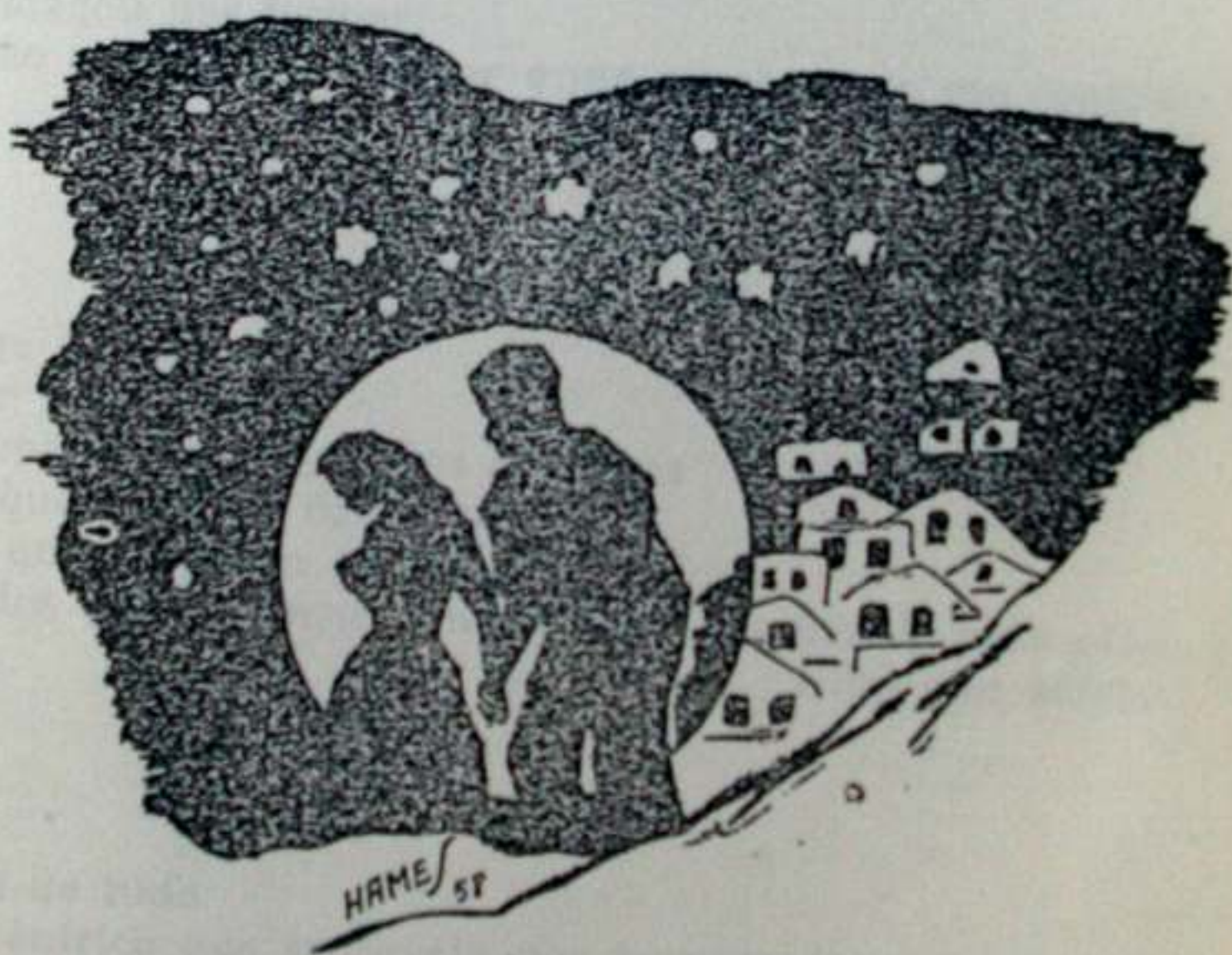
-- Por que ir por aqui?

Vilma sabe que Jorge não pode casar, ainda. Mas a mãe não receberia o dinheiro se soubesse ele vir de seu Ricardo. A cadeira de rodas encheria de intranquilidade sua velhice.

-- Tem medo? e com que olhos lindos Vilma olhou prá ele.

De mãos dadas, calados outra vez. Lá adiante um barranco alto, na rua escura, acolhe-os. Jorge entende agora.

Vilma não viu, mas havia estrêlas no céu.



Poema das Metamorfoses

C. RONALD SCHMIDT

As transformações se realizam em mim; e quando me procuro
Sou imagem de um ser que não concebo,
Sou sensação difusa que me atormenta, me confunde e se esvai
Num novo ser, numa nova ânsia, num novo torvelino...

Eu sofro, amigos que não me notam! Eu sofro!
Eu vivo de um desvario na noite imensa da existência...
Eu morro sozinho implorando mãos que me amparem, amigos!

Já fui o ser que procurou a comoção das rochas,
Já fui o ser que indagou das formas,
Já fui o ser que não sou; e temo em ser e me arrebento e me contraio e
me distendo

A procura da minha origem pura,
A procura do amor primeiro,
A procura do movimento final de tôdas as coisas
De tôdas as coisas que fenecem delicadas,
De tôdas as coisas que suspiram gestos inacabados.
Dos gestos inacabados que retornam a mim como o olhar de mãe sobre o
filho que soluça..

Quero a mim, antes de tudo
Mas não o EU egocêntrico que se revela nos homens insensíveis.
Quero a mim, não o desvirtuado, o confundido, o que flui entre os relevos
do mundo,
Mas a flor inicial, a que feneceu antes de desabrochar...
O sorriso interior
Que se afundou
Numa lágrima imprevista!

Litoral número um Coquetel de Lançamento



Na oportunidade do lançamento do primeiro número da REVISTA LITORAL, num coquetel na confeitaria Plaza, fizeram uso da palavra diversos oradores sôbre a significação para as nossas letras dêste lançamento. Como último orador, Paschoal Apóstolo agradeceu a colaboração de todos e pediu a cooperação dos presentes para que a REVISTA LITORAL se torne um órgão literário de grande valor e significação para as letras de Santa Catarina. Fizeram uso da palavra os senhores Tercio da Gama em nome do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, jornalista Ilmar Carvalho e o professor George Agostinho da Silva em nome da Diretoria de Cultura do Estado

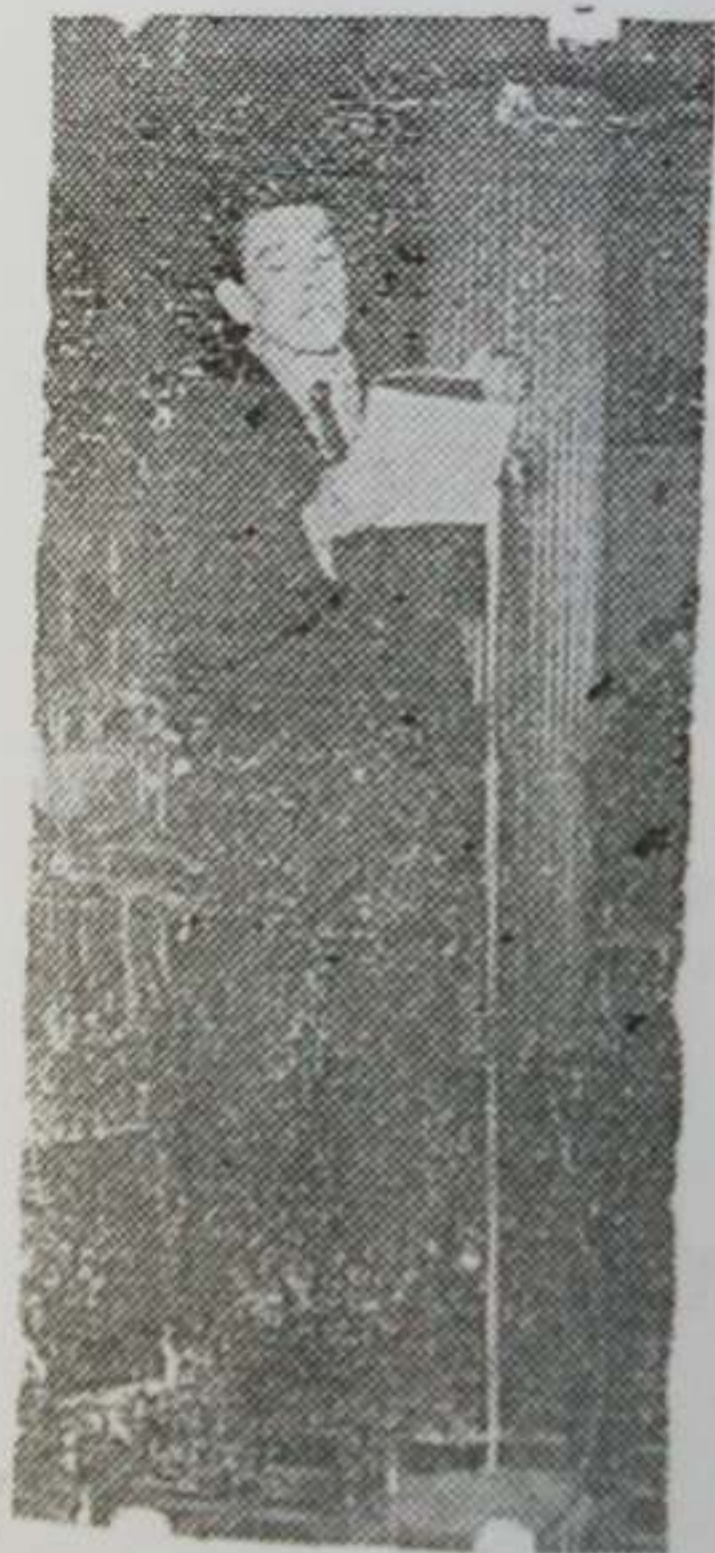
A foto acima foi colhida quando Paschoal Apóstolo pronunciava o seu discurso.





Em cima: O professor George Agostinho da Silva e o professor Ângelo Ribeiro conversavam com os diretores de LITORAL sôbre os futuros planos da revista

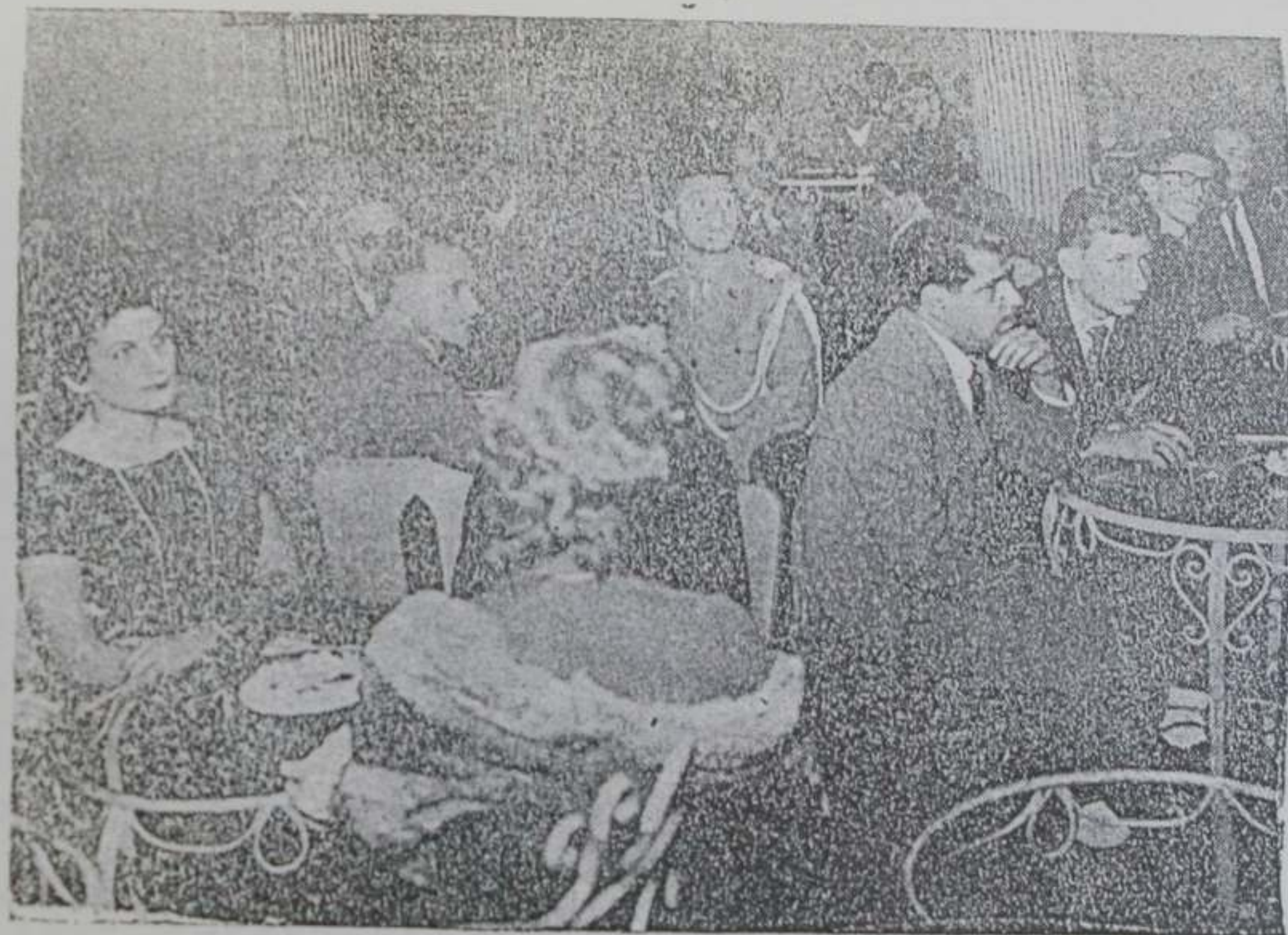
Em baixo: C. Ronald Schmidt e Di Soares declamando suas poesias





OUTROS ASPECTOS
DO
COQUETEL
LITORAL





VISTA PARCIAL DA CONFEITARIA PLAZA POR MOTIVO DO
LANÇAMENTO DA REVISTA LITORAL

O Coqueiro Indayá

Adolfo Bernardo Schneider

Desde criança gostei de praia. Qual a ser humano, consciente de sua vitalidade, que não se recreie diante dessa vastidão imensa de água, que chamamos oceano, apreciando com sofreguidão essa sequência interminável de ondas que parecem surgir do infinito, lá de longe, para avançarem céleres em direção à praia, encimadas por brancas coroas de espuma e se desmancharem com fragor de encontro às rochas? Qual o ser vivo, que não se sinta feliz e satisfeito dentro dessa claridade ofuscante, sorvendo êsses ares puríssimos, que somente a praia aberta poderá proporcionar ou as montanhas altíssimas, revigorando a nossa saúde, retesando a nossa vitalidade e deixando-nos mais capacitados a vencer as dificuldades que nos opõe a vida moderna?

Praia. É o limite, a divisa, a terra de ninguém, que se interpõe entre dois dos elementos mais importantes da antiguidade grega: o sólido e o líquido, a terra e a água, bafejadas ambas por um terceiro elemento, os ares ou os ventos. Os ventos irrequietos e instáveis, que não têm dono. Os ventos volúveis, que uma vez se aliam ao mar, fazendo-o arremessar onda após onda sobre a praia quieta e firme e outras vezes, aliando-se à terra, despejam nuvens de areia finíssima no mar a dentro. Em certos trechos constrói pontas de praia, fazendo avançar em direção ao mar dunas compositas. Cenário de lutas intermináveis entre o sólido e líquido e também ponto de convergência de grande parte das populações do mundo.

O o O

A simples apreciação, pelas gerações afora, da luta entre os elementos, surge espontaneamente, na população humana, o espírito da luta, a prontidão, a disposição inata para a conquista. Em contraposição com o homem do interior, que se dedica, sedentário, ao cultivo da terra ou às indústrias, o homem da praia, acostumado a se movimentar dentro de uma área praticamente infinita e a lutar, desde a mais tenra infância, muitas vezes pela sobre vivência, torna-se mais independente e mais corajoso. Transpõe a barreira dos oceanos,

para fincar orgulhoso o pé nas praias distantes.

Já vimos os fenícios navegarem o Mediterrâneo e, transpondo as colunas do Atlas, costearam as bandas ocidentais e o Norte da Europa, para trocarem no Mar Báltico os produtos das suas indústrias por âmbar, pelas preciosas e outros produtos da região. Vimos também

"PANORAMA DO NOVO CONTO BRASILEIRO"

Dentro de mais alguns meses, em Ff. dições Sul, com distribuição nacional através da Livraria — Editora da Casa do Estudante do Brasil, estará circulando o "Panorama do Novo Conto Brasileiro", espécie de antologia, reunindo o que de bom se faz no país, nos últimos vinte anos, em matéria de histórias curtas. A fim de tratar do assunto junto aos diretores das Edições Sul, esteve tempos atrás, em Florianópolis, o escritor Esdras do Nascimento, ficcionista ("Prêmio Universidade Católica de Literatura, 1953", de Porto Alegre) e crítico. Na oportunidade o visitante, em conversa com os nossos diretores, assim se expressou a respeito do "PANORAMA DO NOVO CONTO BRASILEIRO": "Santa Catarina, quer queira, quer não, possui nomes hoje nacionais, que se firmaram nos meios intelectuais do país. Como autores de trabalhos de real valor. Incluí-los no "Panorama" é uma simples questão de justiça. Até o momento, foram selecionados contos de Guido Wilmar Sassi, Lausimar Laus, Saim Miguel, A. Boos Júnior, Harry Laus, João Paulo Silveira de Souza, além de outros, menos conhecidos, cujas histórias estão sendo estudadas. São os seguintes alguns dos contistas que irão figurar no livro: Osmans Lins e Gastão de Holanda (Pernambuco), Renard Perez (R. Grande do Norte), Dalton Trevisan e José Cruz de Medeiros (Paraná), Vasconcelos Maia, Nelson de Araujo e Hélio Pólvora de Almeida (Bahia), Rodrigues Marquês (Maranhão), O. G. Rêgo de Carvalho e Assis Brasil (Piauí), Nataniel Dantas e Samuel Rawet (Distrito Federal), Braga Montenegro, João Clímaco Bezerra e Moreira Campos (Ceará), Sival Sá (Paraíba), Vera Mozilko (Rio Grande do Sul), Luís Canabrala e Waldomiro Autran Dourado (Minas Gerais), Aurelio Buarque de Holanda (Aragoas), Lygia Fagundes Teles (São Paulo), José Condé (Pernambuco) e vários outros.

os egípcios dos faraós circunavegarem a África, quase 2.000 anos antes de Vasco da Gama repetir a façanha extraordinária. E vimos ainda um povo germânico, há mais de 1.000 anos, transpor o Oceano Atlântico Norte, povoar a Islândia (a Terra do Gêlo), se fixar na Groenlândia (a Terra Verde), colonizar a Foundlândia (a "Terra Achada") e a Vynelândia (a Terra das Uvas ou do Vinho) na América do Norte. Vimos depois os portugueses, os espanhóis, os franceses, os ingleses e os holandeses se expandirem corajosamente pelos sete mares do Mundo, descobrindo, conquistando e colonizando. Descortinando dessa maneira os horizontes da Idade Moderna.

Sempre foram as populações, cujas terras confinavam com os mares, que, arrostando os perigos do desconhecido, vencendo dificuldades sem par, tomaram a dianteira e isto graças ao espírito inato de luta, que a aspiração constante de ares saturados de salsugem e seu irrequeto meio de vida lhes transmitiu desde a infância. É o sangue e o meio de vida que formam o homem, que lhe traçam o destino e que lhe impõem o seu roteiro.

O o O

Gostosamente preguiçoso, passeio pela praia. De um lado o barranco alto da piçarra, que se estende até longe, como uma muralha construída através dos tempos, para deter o ímpeto descontrolado das ondas em dias de tempestade. Do outro lado o mar, esse mar imenso e azul, banhado de luz, eternamente vivo. E diante de mim o lençol de areia branca, que se estende quase retilíneo até ao promontório distante.

Ao longe, atraí-me a atenção um coqueiro-indayá, desenhando a sua silhueta formosa contra o firmamento azul. Um tronco ereto e rijo, encimado por um bellissimo penacho de longas folhas verdes que se balouparam e se agitavam mansamente na brisa que sopra do mar.

Após longa caminhada pela areia fofa, aproximo-me da piçarra e subo a rampa. Diviso agora um rancho coberto de palha da palmeira guaricana, meio escondido em uma depressão do terreno. Morada modesta de pescadores igualmente modestos. Além, uma touça de bananeiras, algumas laranjeiras e um pequeno cafézal sombreado por alguns pés de guapiruvu, primo brasileiro do belo "flamboyant" asiático. Da chaminé, uma bandeira de fumaça branca se eleva

ondulante no espaço e rebrilha ao sol. Diante do rancho, para o lado do mar, um terreiro varrido e um pouco além, já perto do barranco da piçarra, o coqueiro-indayá, postado aí pela força do destino, como si fôsse uma sentinela diante da paisagem. Depois o declive, em formação um sambaqui em minuatúra e em baixo, numa grande curva aberta, novamente a praia, essa praia alva e brilhante ao sol, que desde que existem terra e mar, forma o limite entre os dois, entre um que guerreia e outro que resiste, ontem, hoje e sempre.

À esquerda, agora já mais próximo, o pontal, formado por rochas enormes, lavadas e roídas pelas ondas, de dia e de noite. E depois, até onde a vista alcança, o mar, esse mar eterno, sempre vivo e cheio de susprêsas. Uma após outra, as ondas se aproximam e vêm desfazer-se na praia, como que cansadas da longa viagem, trazendo talvez saudações de terras longínquas, de outras praias, igualmente belas, saudações talvez de terra a terra, cujos povos não se guerreiam, cujos povos talvez se queiram bem.

Distingo agora na paisagem o ponto culminante. Uma vela branquinha, lá muito longe, no mar alto, atingida pelos raios do sol da manhã e enfunada pela brisa, que sopra em direção à terra. Impulsiona uma canoa, tripulada por um pescador, que vem voltando de sua faina diária, talvez cansado, mas intimamente contente e satisfeito com o resultado do esforço, que vem sustentando desde a madrugada e que lhe garante o sustento, para si e para os seus.

Uma vela branca sobre o Oceano, encimado pelo azul baço do firmamento: é como uma promessa, como se estivesse acenando lá do mar grosso aos entes queridos, que deixou na praia. Um sinal, que não foi abandonado pelo bondoso Criador, que o protegeu, trazendo-o são e salvo de volta aos braços dos seus queridos.

Aproando para a praia, o pescador, que vem só, é aguardado por uma velhinha, que segura as mãos ao seu netinho, certamente filho do pescador. Aproximando-me, não posso deixar de manifestar à vovozinha a minha surpresa agradável diante do bellissimo recanto da praia, que escolheram para moradia e a velhinha, encanecida na luta pelo bem-estar dos seus me responde com alegria nos olhos:

"Sim, não desejaria nunca morar em parte alguma, senão neste local.

Quando casei, viemos morar aqui. O mar é nosso amigo, nos dá quase sempre em abundância o que necessitamos para viver. Algumas raras vezes porém já tem sido nosso inimigo. Lá anos me levou o meu marido, que nunca mais voltou. Comente a canoa estraçalhada deu na praia, além daquele pontal, numa outra enseada. E este aí, que se aproxima, é meu filho, meu filho único, que nos garante o sustento, a mim", e alisando com a mão morena e rugosa os cabelos revoltos do rapaz, "e a este meu netinho".

Os raios do sol fazem ressaltar ainda mais a brancura dos cabelos da velhinha, curvada pelo peso dos anos. Sinto ímpetos para os comparar com a areia alvíssima da praia, lavada, batida pelas ondas do mar, há cem, há milhões de anos, marcando sempre os limites entre a terra e o mar, resistindo com valor e determinação ao ímpeto das ondas e às vagalhões em dias de tempestade e não cedendo nenhum passo. Juntando sempre mais intimamente as partículas moidas pelas forças incomensuráveis dos elementos, dos ventos e das ondas e opondo-lhes uma muralha invencível, coesa e firme. Quanto mais despedaçada e quanto mais esmiuçada, tanto mais firme, mais unida e mais resistente. E quanto mais batida pela fúria dos elementos, tanto mais alva, mais branca, mais luzidia e após a procela, aos raios do sol, mais brilhante em sua vitória contra o seu eterno rival, o mar.

Vou apreciar mais de perto o desembarque do pescador. Um balaio de taquara cheio até à metade de pescado de alto mar. Junto um sambura, contendo ainda um resto de iscas: manjucas e camarões. Os apetrechos da pesca de corrido, algumas cabeças inteiriças,

que lhe servem de boias, para lançar o espinhel, diversas poitas, dois remos e a vela branquinha, que me atraira a atenção desde longe. Eis os utensílios, que o pescador vai retirando aos poucos da canoa, ajudado pelo filhinho, que já demonstra traquejo nessa faina, para embarcar a mesma logo adiante, sobre uns paus roliços, onde as ondas da maré alta não a alcançam.

Vejo agora passar os três, cada qual transportando alguma peça do utensílio de pesca e o próprio pescado, cada qual dentro das suas forças e das suas possibilidades. Mesmo depois de subirem a rampa, ainda vejo os cabelos da anciã brilharem ao sol. Certamente o branco representa a luz, a claridade e a alegria, talvez a paz, a bonança e o sossêgo. Quase sempre também a prova das lutas travadas na vida, dos desenganos colhidos em sua longa peregrinação terrena, a prova cabal da resistência oferecida aos embates e aos choques do destino. O branco com certeza também é o sinal da vitória sobre o inimigo. Assim como o preto representa a escuridão, a noite, a tristeza. O sofrimento, a negação da vida, o abismo que termina em nada. Talvez também o canso absoluto. Porque enquanto houver luz, há esperança e o preto é a negação de tudo que possa provocar a esperança.

O o O

Regressando pelo mesmo caminho, ao lado da praia ensolarada ainda me volto, para olhar pela última vez o lindo coqueiro-indayá, cuja esbelta silhueta se projeta contra o azul do céu e cujas longas fôlhas verdes tremulam na branda aragem da manhã.

— o —

LEIA



O mais antigo diário de Santa Catarina

MISTÉRIO DE AMOR...

(Para o Othon d'Eça)

Na manhã de luz azul dos teus olhos,
A sinfonia mística do amor
Desperta no coração uma tristeza
Amargurante e indefinível,
De uma paixão espiritual...

E na magia do teu perfil,
Envolvente de encanto e ideal,
Ha expressões de santa
Que seduzem, que alucinam
E que comovem...

Um romance inacabado vive
Dentro de ti, dolorosamente,
Trescalante, do doce aroma
Das laranjeiras que floriram
Para um noivado de mistérios...

Que feitiço, que tortura,
Nesse convite dos teus lábios,
Essa papoila escarlata,
Flor de sensualidade e loucura ...

Amemo-nos querida!
A vida nasceu do amor
Para o amor!

Contemplemos o céu,
Nesta manhã aureoreal,
Que os campos são uma orçã
De boninas e malmequeres,
Floridos para saudar, em ti,
A ascensão triunfal do dia...

JOSE DE DINIZ

(Da "Academia Catarinense de Letras")

FALTA DE VALORES

Italino Peruffo

Em entrevista concedida à imprensa, em abril último, o escritor Marques Rebêlo disse entre outras coisas: "Últimamente não houve um processo de renovação. Os romancistas aparecidos de uns tempos para cá são bem inferiores aos seus predecessores. O que marcou a geração de 1930 e o que falta, substancialmente, à nova geração de romancistas brasileiros é a coragem de afirmar, de dizer a verdade que está diante dos nossos olhos. A causa de tudo isto é o medo. Há um medo generalizado de tomar posições, uma reacademização progressiva de todos os valores".

Nada mais verdadeiro do que estas palavras. A revolução de 1930 se configurou dentro de um clima que se dizia: "em busca de novos valores, porque vivemos num deserto de homens e idéias". Foi feito um movimento revolucionário, se bem que um tanto de cúpula, para dar ao Brasil um novo sentido em tudo: na vida social, na política, nas atividades econômicas, intelectuais e públicas. No entanto, vitoriosa a revolta, falhou na execução do seu programa. As camadas intelectuais passaram a alimentar-se do superficialismo, atraídas antes para os salões e colunas da imprensa do que para as bibliotecas e bancas de estudo. O escritor, por exemplo, preocupava-se mais em obter um chichê no suplemento literário ou na revista do que nas suas criações artísticas. O que importava era conseguir emprêgo e posição social, buscando glórias efêmeras e imediatas. A pena e todo trabalho intelectual se endereçavam nesse sen-

tido perigoso, buscando meta falsa e sem consistência histórica. E nasceram novas igrejinhas, que passaram a funcionar não como grupos de estudiosos, encontros com fins de trocar idéias e aperfeiçoar conhecimentos, mas como snobismos e fábricas de elogios recíprocos. Em tais igrejinhas nunca faltou o diretor de um suplemento ou redator de um jornal. Mas quem levava os mais rasgados elogos era sempre o editor. Quando alguém publicava um livro, a chuva de referência se despencava, envolvendo sempre que possível nome de políticos, pessoas influentes, editores, etc. O editor passava para a história como a figura central do acontecimento. Era uma espécie de bajulação comercial. O resultado foi a dependência do escritor e o medo que Marques Rebêlo tão bem definiu.

Falta coragem para uma tomada de posição, é claro, porque só há uma posição honesta, que é ao lado da verdade. E nós sabemos que a verdade nem sempre está de acôrdo com o situacionismo, a que a atual intelectualidade se amarrou. Amarrou-se, quero crer, não por vontade própria, mas em face das circunstâncias em que viveram e cresceram os intelectuais, sem reagir ao meio ambiente.

O sr. Marques Rebêlo não disse tudo. Esqueceu-se de acrescentar que o escritor para livrar-se do medo e viver com coragem precisa, primeiro de tudo, acreditar em si e reconquistar-se intimamente como intelectual, para depois viver com independência. Só um homem livre pode tomar posição e defender a verdade, pode trabalhar com coragem, porque só os verdadeiramente livres são verdadeiramente escritores e artistas. O resto é suposição, como diria Alvaro Moreyra.

TÓPICOS

Bem visitada foi a exposição individual de pintura do artista catarinense ERNESTO MEYER FILHO, no Museu de Arte Moderna, à rua Tenente Silveira 69. Na oportunidade o pintor apresentou os seus últimos trabalhos premiados, este ano, no "1º Salão Pan-Americano de Arte", recentemente realizado no Rio Grande do Sul.

O o O

Quem quiser ter uma idéia da vida e da obra do poeta Cruz e Souza pode agora ler uma pequena antologia, enriquecida com um estudo crítico de inúmeras notas informativas. Essa antologia faz parte, como o volume 4, da Coleção Nossos Clássicos (Ed. Agir) e foi organizada por outro poeta, Tasso da Silveira. Com uma alta compreensão do papel negro do quadro que representa o poeta negro na poesia brasileira, e, além disso, com uma viva admiração pela sua obra, Tasso da Silveira preparou um trabalho destinado a despertar entre os leitores o maior interesse pela expressão humana e literária do cinzelador de "Broquéis".

O o O

Continua em elaboração o livro de extrêia do contista catarinense João Paulo da Silveira de Souza "O VIGIA E A CIDADE", a ser impressa pelas Edições de Arte, no mesmo formato que o recente livro "SONETOS DA NOITE", ambos com ilustração de Hugo Mund Júnior.

O o O

"CATUTOS E ESPINHEL" é o título do trabalho do caricaturista Dr. Fontoura Rey. Seu próximo livro será uma crítica aos fatos de maior projeção da Capital Catarinense. Vendo e anotando em pequenos apontamentos, na porta do PONTO CHIC, Fontoura Rey, no Barraco dos Ciganos, nome com que êle denominou o seu grupo, já conseguiu coligir um grande número de dados. É aguardado com interesse a publicação do seu livro nos meios sociais de Florianópolis, por ser Fontoura Rey um dos maiores críticos satíricos da terra barriga-verde.

O o O

Di Soares e Pedro de Garcia continuam dirigindo todos os sábados, com raro brilhantismo, as páginas literárias do "Diário da Tarde" e do jornal quinzenal "UNIDADE", que se editam em Florianópolis.

O o O

O Boletim Bibliográfico Brasileiro (BBB) juntamente com as Edições Melhoramentos, acabam de lançar o "Grande Concurso de Contos Ficção Nacional", instituído para, em vinte meses, premiar vinte contos de escritores brasileiros. Todos e quaisquer originais deverão ser endereçados ao BBB, Caixa Postal 1.557 — Rio de Janeiro, com o máximo de 6 laudas e obedecendo as seguintes exigências: três vias datilografadas em espaço dois, apresentar-se com pseudônimo, e um envelope lacrado contendo o verdadeiro nome do autor concorrente. As bases do importante concurso obedece ao seguinte: a) o conto premiado será publicado, com ilustração, nas páginas do BBB; b) o autor receberá como prêmio uma oferta de livros das Edições Melhoramentos no valor de Cr\$ 8.000,00; c) serão escolhidos vinte contos, um cada mês, sendo que os autores cederão os direitos autorais dos mesmos às Edições Melhoramentos caso resolva esta editôra publicar tais trabalhos num livro; d) a Comissão Julgadora será composta de Adonias Filho, Antônio D'Elia e Hélio Pólvora de Almeida, este representando o Boletim Bibliográfico Brasileiro (BBB).

Na Confeitaria Plaza, num animado coquetel, no dia 5 de agosto, deu-se o lançamento do jornal de letras ROTEIRO. Na oportunidade o contista Silveira de Souza, fazendo uso da palavra, disse da significação deste lançamento. A Sul Cine Produções filmando o coquetel colaborou para a maior repercussão do lançamento.

ROTEIRO, continua desde o seu lançamento a obter sucesso. Estamos certos que, enquanto perdurar a jovialidade e a abnegação em seus membros, o jornal de letras catarinense continuará a agradar.

O o O

Perderam as letras francesas, dia 22 de agosto, bem como literatura mundial, um dos seus mais destacados membros: Roger Martin Du Gard, Prêmio Nobel de Literatura em 1937. Com a idade de 77 anos o mestre do romance realista deixa uma obra imorredoura, da qual se destaca o grande monumento "Os Thibault". Além desta obra Martin Du Gard escreveu vários romances e peças teatrais sendo a mais famosa a obra citada acima e o romance "Jean Barois", ambas traduzidas para o nosso idioma, na Coleção Nobel da Livraria do Glôbo

O o O

Edelweiss com suas pinturas ingenuas no processo lírico espontânea, apresentou mostras de seus quadros no Museu de Arte Moderna de Florianópolis.

O o O

Em Pôrto Alegre, nos dias 23 e 28 de setembro, reuniram-se poetas de todo o Brasil e do Exterior, no 1º Festival de Poesias Quixote, comemorando o seu 10º aniversário de fundação.

O o O

No jornal "O ESTADO" o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis em exposição relampago, apresentam mestras de seus quadros, os mesmos que participaram da exposição no dia de Santa Catarina (23 de novembro) no Paraná. Pelo GAPF apresentaram seus trabalhos: H. Assis; Meler Filho; Tércio da Gama; Hugo Mund Junior; Thales Brognolli, Pedro Paulo Vichiatti.

O o O

O crítico Nerêu Gorrêa vem coligindo uma edição de discursos selecionados do falecido Governador Jorge Lacerda, já este o havia incumbido desta tarefa, em vias de conclusão. Prefaciado por um dos inúmeros amigos de Jorge Lacerda, o livro será editado no Rio de Janeiro e dela serão impressos mil exemplares em papel especial, que serão oferecidos aos amigos e admiradores do saudoso político e homem de letras.

O o O

No Salão Nobre da Faculdade de Direito de Santa Catarina, no dia 13 de dezembro foi inaugurada a 1ª Exposição de Poemas Murais, dos poetas: C. Ronald Schmidt, Pedro de Garcia, Di Soares e Rodrigo de Haro. Ilustraram os poemas: Trindade Leal, Martinho de Haro, Di Soares e C. Ronald Schmidt.

O o O

Com a presença do mundo social de Florianópolis, da Imprensa falada e escrita e dos escritores e artistas catarinenses dia 13 de agosto deu-se o lançamento do primeiro número da Revista Litoral, na Confeitaria Plaza. Na oportunidade fizeram uso da palavra diversos oradores sobre a significação deste lançamento: Tércio da Gama, como primeiro orador, falou em nome do Grupo de Artes Plásticas de Florianópolis, dizendo da satisfação do Grupo com o lançamento de mais esta revista literária; o jornalista Ilmar Carvalho, em nome dos escritores e jornalistas felicitou os membros da Revista Litoral, desejando-lhes que continuem a brilhar nas nossas letras; o Diretor do Departamento Cultural do Estado, prof. George Agostinho da Silva, em vibrante improviso falou sobre os movimentos literários da Capital Barriga-Verde; e finalmente, Paschoal Apóstolo agradeceu a presença de todos e falou sobre os futuros planos da Revista. A seguir diversos poetas declamaram suas poesias.

R E C E B E M O S E A G R A D E C E M O S

Este noticiário sobre o movimento cultural é também apresentado nas páginas literárias do Suplemento Dominical do jornal "O ESTADO" e no programa "Momento Cultural", tôdas as segundas — feiras na Rádio Guarujá de Florianópolis

REVISTAS:

MUNDO MELHOR — n. 8 agosto de 1958 — São Paulo — Capa, Vista do Teatro Castro Alves, na Bahia, devorado por um incêndio antes de sua inauguração oficial. — Diretrizes e Experiências Humanas — Especializada em artigos culturais MUNDO MELHOR, tanto em colaboração como na apresentação de revista, possui boas secções, trabalhos selecionados e bons artigos. Assinam a direção de NOVO MUNDO Mário Carvalho de Jesus e Nelson Coutinho.

Jornal "A FÔLHA" de Pôrto União, com artigos políticos, literários e culturais em geral. Elias Domit apresenta uma boa secção literária e informativa dos últimos acontecimentos literários do Exterior, do País e de Santa Catarina.

NOTÍCIAS JURÍDICAS, jornal especializado em assuntos forenses — Rio de Janeiro n. 10 — Direção de Dirceu de Oliveira e Silva, Alberto Perone Dr. Themistocles Marcondes Ferreira. Jornal da Editôra Nacional de Direito.

BLUMENAU EM CADERNOS, Mensário dedicado à história e aos interesses do Vale Itajaí. Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.

PRISMA, revista literária, São Paulo — n.ºs 1 e 2. Diretores Manuela Arriegas e Alvim Barbosa. A revista apresenta trabalhos de Paul Klee, Manoelito de Ornellas, Rubem Braga e outros de renome. Prisma, número, a número, vem melhorando bastante. Não só na apresentação da revista como nos seus artigos, contos poesias e as boas secções informativas, a respeito do movimento literário no Brasil e no exterior. Como representante de PRISMA em Santa Catarina, está credenciado o nosso diretor Paschoal Apóstolo.

LIVROS:

"CÂNTICOS" de Gioconda Labacca. Edições Irmãos Pongettil, Rio de Janeiro 1926. O livro é dividido em partes: "Cânticos da terra" e "Cânticos do Amor". Sensual e lírica, Gioconda Labacca nos apresenta 45 poemas e poesias verdadeiras e nos transmite tudo aquilo que lhe deu vontade de dizer. Com êste seu livro a poetisa virá a ferir a pudicícia de muita gente, porque a franqueza com que a autora confessa os arroubos da sua imaginação crepitante, e os seus desejos, as suas íntimas contemplações, faz-nos pensar numa poetisa quase existencialista, sem temer o escândalo.

"EU INCONCLUSO" poemas de Ana Maria Amaral, acaba de ser lançado em São Paulo. O livro em belo formato tipográfico nos apresenta 31 poemas belos e originais. A capa é um trabalho de Ilsa Leal Ferreira.

"FEL DA TERRA" de Lausimar Laus — contos — Edições do Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro — 1958. Os contos de Lausimar Laus são realizados e muito bem imaginados. Destacamos "Responso" da coletânea como a história curta que mais agrada, devido ao rico folclore apresentado e a simplicidade da sua narração. "FEL DA TERRA" é um livro que grande valor para os amantes das histórias curtas.

"AS VENDAS A PRESTAÇÃO" de Adolfo Bernardo Schneider. Trata-se de um livro novo para orientação comercial de vendas e prestações. Dada a repercutível aceitação, esta obra já se encontra em segunda edição.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA LITERATURA CATARINENSE

Lançado pela Faculdade Catarinense de Filosofia, como publicação do Centro de Estudos Filológicos, aprovado para publicação mediante parecer da Comissão constituída pelos Profs. Anibal Nunes Pires, Oswaldo Rodrigues Cabral e George Agostinho da Silva, está nas livrarias "Introdução à História da Literatura Catarinense" de Osvaldo Ferreira de Mello (filho).

ADELINO MAGALHÃES NO PARALELO 70 — Editora ALBA Ltda — 1957. Da reunião realizada no dia 3 de setembro de 1957, terça-feira, no 7º andar da ABI, em comemoração ao setuagésimo aniversário de Adelino Magalhães, foi impresso, em belo formato de livro, todos os discursos e homenagens prestadas ao precursor da Literatura Moderna no Brasil, sob a orientação de Paulo Armando. O livro ADELINO MAGALHÃES NO PARALELO 70, possui impressões, entre outros, trabalhos de Andrade Muricy, Eugênio Gomes, Jayme Adour da Câmara, Murilo Araujo, Povina Cavalcanti, Pizarro Drummona Stefan Baciú, Tasso da Silveira, Afrânio Coutinho, Paulo Armando e Xavier Placer.

— o —

SIM e NÃO

Déspina Spyridos

Não digas que este afeto não tem fim;
Nos lindos madrigais que me cantaste,
Eu sei que sofres, neles tu juraste
Quanto delira teu amor por mim.

Maquiagem do rival! Eu venho assim,
A haurir prazer buscando teu contraste:
Um pecador, se santo te tornaste
E se és pierrot, procuro um arlequim.

Se é certo que me queres, eu te adianto:
Reprime, esconde o teu amor que é tanto,
Simula que me esqueces, finge, enfim.

Então, meu bem, verás e com que espanto,
Que da incerteza, nasce um grande encanto
e em vez de Não, chorando, direi: Sim.

Conversa em voz baixa

José Cordeiro



Arnaldo Brandão é jovem ainda. Deve ter, quando muito, uns trinta anos. Mas da nova geração de literatos catarinenses é, sem dúvida alguma, o que mais tem produzido. Desde de que surgiu em 1931, com "Basfond", livro em que se revela um observador arguto com grande poder de síntese narrativa, êle tem experimentado, com êxito, quase todos os gêneros litários, em cêrca de oito volumes.

Se eu tivesse que, desde logo, ressaltar o traço predominante da personalidade mental de Arnaldo Brandão, confesso que ficaria embaraçado. Quer nos versos de "Poemas de Arbran", quer nas impressões de viagem de "Um brasileiro nos caminhos da Europa", quer, ainda em "Sol perpendicular", "A taverna do Gato preto" e "No mundo da lua", respectivamente poemas em prosa, fantasia e teatro, encontram-se quatro virtudes principais do escritor: simplicidade, sensibilidade, sendo de observação e poder de síntese. Mas, nenhuma predomina, isto é, nenhuma se destaca mais que as outras. Ao contrário, elas se combinam, fundem-se num todo homogêneo, dando origem a um certo equilíbrio, difícil de encontrar-se em gente nova, gente ainda não amadurecida da seara das letras. Assim, e forçando um pouco a conclusão lógica, direi que talvez seja precisamente o equilíbrio o traço fundamental do talentoso polígrafo de Itajaí.

Mas, nos seis livros que acabei de citar, que abrangem o período de tempo compreendido entre 1951 e 1956, se bem que de boa categoria literária. Arnaldo Brandão ainda vacilava aqui e ali. Dir-se-ia que, tateava, experimentava, ensaiava os passos para as longas caminhadas futuras. Ora parecia mero observador que registrando as impressões recolhidas pela retina; ora lançava ao papel os pensamentos fragmentários que lhe tumultuavam no cérebro moço; ora embevecia-se ante a contemplação da natureza; e sua poesia brotava vibrante e espontânea, e ele ia compondo magníficos poematos.

De fins de 1956 para cá, entretanto, enveredou por novos caminhos. Já com estilo definido, dominando amplamente o pensamento, o idioma, a imaginação, e combinando tudo isso com o senso de observação e sua capacidade de apreensão da psicologia dos seres da vida real, pôde amalgamar, tudo numa obra de ficção excelente: a coleção de contos — "O vendedor de pinhões" — sua obra prima. Será nesse gênero, evidentemente, que o jovem beletista se projetará como um grande e real valor.

Arnaldo Brandão é, na literatura catarinense, a mais legítima esperança.

— o —

A ESTRÊLA E EU

Evangelina Maia Cavalcanti

Ó linda estrêla que brilha assim tão só
Lá bem alto, no Céu
Tenho pena de ti, eu tenho dó
Da tua solidão...
Sou como tu, estrêla pequenina,
Assim sòzinha neste mundo imenso,
E sem saber
O que fazer
De tanta imensidão !...

Do livro a sair "Fios de Sêda"

Uma fôlha de hera, pêquena e simples, dando motivo criador, sob um sentido profundamente emocional. Foi sobre ela que há trinta e poucos anos, um adolescente, no encantamento do retorno à terra natal, teceu uma página de vida e de beleza, que, desde logo, o lançou à simpatia, à estima e à admiração sinceras dos seus conterrâneos. Edmundo da Luz Pinto, desde os bancos acadêmicos aos dias correntes, fez de sua atuação uma vitória constante. Vitória do talento, que não abre caminhos fora das linhas retas da dignidade, da franqueza honesta, da inquebrantável lealdade; vitória do espírito, que se embebeu de sólida e brilhante cultura, sem a ostentação comum aos que suprem a própria mediocridade com o alarde de méritos à Cabotin. Valor pessoal, prestígio intelectual e um singular trato cavalheiresco levaram-no a posições proeminentes, como poderiam marcar-lhe um destino político ímpar, se não se imunizasse à ambição, e se cultivasse o gosto ao rancor, à disputa e ao "entreviro" de princípios instáveis que marcam os campos partidários nacionais. Ficou-se à margem, como arguto observador, não raro compungido, em sua sensibilidade aguda, mas, ainda aí, alargando o seu círculo de afeições, uma vez que não tem inimigos, a não ser os que fazem da atitude abissínia inócua da lapidação um extravasamento da própria



Edmundo da Luz Pinto

frustração, Edmundo, em qualquer situação, é sempre o homem que não esquece o seu Estado, pelo qual sempre se bateu e que lhe constitue motivo contínuo de exaltação e ternura. E não há quem lhe resista ao fascínio da personalidade, tão seguro é o domínio da sua inteligência e da sua lisura de caráter, (transcrito do DIÁRIO DA TARDE).

CÔMO NÓS RECEBERAM...

"Louvável gesto de uma juventude sã. Magnífica demonstração de moços idealistas que moldam suas vidas olhando para o futuro, que buscam e divulgam o conteúdo positivo das coisas do espírito. Uma realidade, uma vitória, um exemplo. A realidade está em nossas mãos, em forma retangular, com a palavra "Litoral" escrita em sua capa. A vitória é o nosso prêmio. Nobre recompensa de quem luta incansavelmente por uma realização e a ver finalmente concretizada. O exemplo, será um legado à posteridade".

"A Gazeta" 2-8-58 — T.S.M.C.

—xx—

"De apresentação diferente, praticamente impecável, desde a artística capa até a última página, "Litoral" nos vem mostrar não somente o alto nível de trabalho tipográfico na Capital do Estado, mas também a capacidade de organização de dois moços idealistas catarinenses, que são os jornalistas Paschoal e Nicolau Apóstolo."

"A Notícia" — Joinville, 22-8-58.

—xx—

"Um novo grupo literário" o mais recente, que podemos batizar de "novíssimos" e que sucedeu ao de "Sul" na paisagem inteira de Santa Catarina, acaba de publicar sua revista "oficial" que traz o nome do próprio grupo "Litoral". A Revista, em ótimo papel, bem impressa e com matéria excelente, tem como diretores Paschoal e Nicolau Apóstolo. "Litoral" representa um esforço e uma vitória".

"Correio do Povo" — Porto Alegre

—xx—

"Notamos então com alegria, ao folhear o primeiro número, que veio ao lume há dias, a riqueza que há desses valores em Santa Catarina, uma demonstração de pujante vitalidade da raça sulista, em todos os setores da arte". — "Jornal de Joinville" — 24-8-58 — ABS

—xx—

"O grupo de intelectuais da nova geração catarinense que se tornou conhecido no Brasil inteiro como LITORAL, pela sua intensa e brilhante atividade literária e artística, passou a editar, agora, trimestralmente uma revista em Florianópolis". "O número de LITORAL que acaba de aparecer presta uma comovedora homenagem ao governador (e escritor) Jorge Lacerda, trágicamente desaparecido num desastre aviatório em Curitiba, e publica em suas oitenta e tantas páginas, além de narrativas, versos, comentários, ilustrações e artigos dos seus colaborado-

res permanentes como Manoelito de Ornellas, Othon d'Eça, Arnaldo S. Thiago e Brasil Gerson".

"O Jornal" — Rio 21-9-58

—xx—

A simpática revista apresenta-se muito bem posta em seu feitio material e artístico, com expressiva capa, um seletivo corpo de redação e uma matizada, viva e oportuna colaboração, a demonstrar o caminho e o empenho da moderna geração catarinense pelos vários ramos das belas letras.

Lucas A. Boiteux — Rio — 30-8-58

—xx—

O esforço louvável desses moços merece dos velhos escritores e poetas e sobretudo, dos poderes públicos, aquele amparo de que os jovens sempre necessitam para chegar ao término desejado de seus ideais.

Luiz Phelipe — 13-9-58

—xx—

LITORAL é um fenômeno dentro do Estado. Deus permita que ela siga avante, triunfalmente. Que as intrigas e oposições encontradas no início já estejam todas dilapidadas. Que seus moços e velhos possam trabalhar e lutar pelo engrandecimento da terra de Cruz e Sousa. Que a revista se espraie do litoral ao planalto, e de lá, tome novos rumos e se expanda, como se expandem, livremente, o pensamento e a energia de sua indomável direção.

Arnaldo Brandão — O Libertador — Itajaí — 4-7-58.

—xx—

"Litoral" representa uma nova tentativa para dar a Santa Catarina um órgão de publicidade que venha a ser a expressão de nossa capacidade criadora no mundo das letras e das artes e que possa cumprir a missão de difundir o que possuímos em valores nesse terreno da atividade humana".

"A Notícia" 19-8-58.

—xx—

A dupla reuniu um corpo de gente que escreve e usa seus pendores artísticos e lançou ao mar da publicidade "LITORAL", revista trimestral, cuja capa, em preto e branco, xilogravura, de Oscar Berendt Neto, vale por um poema de apresentação da revista: o preto, muito forte, infundindo impressão violenta... mas, lá vem, enfrentando as ondas do mar, um batel rumo ao desconhecido... e na brancura imaculada de suas asas, uma gaivota corta os céus. O sonho; a realidade, a esperança.

Menezes Filho — Rádio e Jornal "A VERDADE" 1-9-58.

Diante do opúsculo que temos em nossas mãos, é de inteira justiça que se destaque o esforço, a capacidade e o gosto desse grupo de moços, que tanto brilho vem alcançando nas suas iniciativas em prol da difusão das letras.

"Jornal do Povo" — Itajaí, 22-8-59

—xx—

Versando sobre poesia e arte em geral, a nova e única revista no gênero em Santa Catarina, vem enriquecendo consideravelmente nossa imprensa cultural. motivo por que, sua tiragem, encontra a mais franca e ansiosa procura em todo o Estado.

"O Libertador" — Itajaí, 2-8-58

—xx—

Louvamos a iniciativa de seus jovens fundadores, fazemos votos que "Litoral" concretize seus ideais, os quais sejam: levar avante, pelo engrandecimento da terra catarinense, o pensamento de nossos homens de letras.

"O Popular" — Itajaí, 23-8-58

—xx—

Está circulando a revista "Litoral", trimestral, a que reúne em suas páginas os escritores de Santa Catarina. Editada em Florianópolis, é dirigida por Paschoal e Nicolau Apóstolo. Entre seus colaboradores, Arnaldo Brandão, Guido Wilmar Sassi, Mauro Machado, Luiz Carlos Maciel, Maura de Senna Pereira. Seu endereço é: Padre Roma 48, Florianópolis.

Lédo Ivo — Tribuna da Imprensa — Rio 6-9-58.

—xx—

É uma magnífica revista catarinense de Artes e Letras. Detendo-me aqui, ali e acolá, constato que Santa Catarina possui uma excelente plêiade de intelectuais.

Elias Demit — Porto União — 31-8-58

—x—

"A capa do primeiro número é de Oscar Berendt Neto, muito boa. O aspecto gráfico, infelizmente é provinciano e os colaboradores, nem todos conseguem se realizar. Nota-se além disso, incerteza na orientação. Mas acreditamos em Paschoal e Nicolau Apóstolo. Eles conseguirão transformar LITORAL numa revista que o público espera".

Revista PRISMA — São Paulo.

—x—

"O empreendimento é grande e oxalá essa mocidade prossiga e vença para engrandecimento da literatura santa-catarinense em particular e da brasileira em geral. A revista está muito bem lançada, com grande número de poesias da nova geração, contos, estudos e crônicas".

Literatura e Arte — JORNAL DO DIA.

Walter Spalding — 14-9-58. R. G. SUL.

—x—

"Impressos em bom papel, com várias ilustrações, clichês e colaborações de primeira ordem. Publicações das melhores que nos tem chegado nos últimos tempos "LITORAL" é um trimensário que honra a cultura da formosa terra sulista, onde tem florescido tantos espíritos que elevam nosso patrimônio mental".

"O Estado" — CEARÁ — 2-10-58.

Carlyle Martins.

"De ótima apresentação gráfica, a referida publicação é o porta voz dos escritores jovens de Santa Catarina".

Jornal do Comércio — PERNAMBUCO.

Mauro Mota — 19-10-58.

PERMANÊNCIA

Graciette Salmon

Diante da Vida,
fechei os olhos e estendi os braços.
...e a carga recolhi, descomedida,
de tristezas, de lutas, de cansaços.
Dêsse fardo fiz rosa e fiz canção,
que a Vida recolheu avidamente
para dá-las a outrem de presente.
...essa que tens florindo em tua mão.
...essa que tens no coração contente.

LIVROS EM PREPARO

Mancelito de Ornellas prepara mais três novos livros: Cardo e Flexilha, já entregue à Editora Globo. Trata-se de um estudo sobre a terra riograndense. A Cruz e o Alfange — mensário sobre a interpretação das culturas oriental e ocidental na Península Ibérica, é o seu segundo livro e o terceiro trata-se do livro que iniciara em Florianópolis, quando aqui residia. Literatura Hispano-Americana.

xxx

Walmir Ayala lançará em breve o seu terceiro livro de poemas. O EDIFÍCIO E O VERBO.